DP 644
.9
.F7 B3
Copy 1

Manuel Barradas

O General Gomes Freire

O GENERAL GOMES FREIRE

1788-1817

O GENERAL

GOMES FREIRE

POR

MANUEL BARRADAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA MINERVA CENTRAL
14 Largo do Pelourinho 17
1892

DP644
.9
.F7B3

AMK 25N35

O GENERAL GOMES FREIRE

N'este momento em que a Inglaterra, esse cobardissimo paiz que vive da rapina, ha mais de tres seculos, e que rasga as paginas da sua historia n'um espaço superior a duzentos annos para negar a collaboração e auxilio de Portugal nos fastos da historia militar da Grã-Bretanha —pareceu-nos opportuno publicar um estudo sobre os vultos nacionaes que a nação traidora dos piratas fez desapparecer da tella politica, não recuando deante do assassinio ou da tortura.

Começaremos pelo grande Gomes Freire de Andrade, como um dos mais amados martyres da tyrannia dos brutaes inglezes.

11 de janeiro de 1891.

Manuel Barradas.

387270
'29

O General Gomes Freire

A vida d'este singular vulto da nossa historia tem de ser observada, separadamente, quer no exercito quer na politica, em tres phases perfeitamente distinctas—os seus serviços militares prestados á imperatriz Catharina II da Russia—as campanhas que fez em Hispanha e Portugal—e o serviço feito sob as ordens de Napoleão I.

Na politica tambem o general deve ser encarado nas trez seguintes gradações:—*o intransigente—o suspeito—e o martyr*.

Não faremos o estudo particular d'essas gradações, mas daremos uns ligeiros traços de cada uma d'ellas. Assim poderá melhor, o artista, dramaturgo ou o poeta, aproveitar o typo que melhor se coadune com a inspiração e que possa evidenciar o seu talento.

O INTRANSIGENTE

CAPITULO I

Campanhas na Russia e Hispanha

Gomes Freire nasceu em Vienna de Austria, filho do nosso embaixador n'aquelle imperio, teve a educação que por então se costumava dar aos filhos da nobreza.

Aos vinte annos era tenente da Armada Real. Veiu a Lisboa e obteve licença para servir nos exercitos da imperatriz da Russia na sua guerra contra os turcos.

Gomes Freire com a elegante figura realçada pelos brilhantes uniformes d'aquelle seculo, e o seu espirito decidido, conquistou a côrte de S. Petersburgo dirigida por uma mulher superior, mas de uma belleza provocante, Catharina II.

Durante a campanha contra os turcos, de 1788 a 1789 commandada pelo principe russo Potemkim, Gomes Freire distingue-se nos plainos do Danubio, na

Crimêa, e muito notavelmente nos cercos de Otchakow e Ismail.

Nomeado aos 26 annos coronel da cavallaria imperial, era d'esses bravos irrequietos que no arranque do attaque tudo levam de roldão na sua frente. Poucos annos depois, em 19 de novembro de 1790, era-lhe confirmado este posto no exercito portuguez.

Dentro em pouco a sua bravura ficou perpetuada pela condecoração de S. Jorge, uma das mais estimadas da Russia.

Foi tal a impressão causada na côrte de S. Petersburgo pelo arrojo e vivacidade de Gomes Freire, que a propria imperatriz, não sei se enthusiasmada pelos feitos do soldado, se louca de admiração pelo homem, lhe offereceu em audiencia solemne, por suas proprias mãos, uma espada de honra.

Dizem alguns novellistas que com a espada fôra tambem entregue ao moço coronel a honra da sensual imperante. Parece isto confirmado pelo facto de algumas desintelligencias havidas entre Gomes Freire e o principe de Potemkim, favorito de Catharina II.

E' certo porém, que pouco depois chegava a Lisboa Gomes Freire de Andrade.

Aqui termina a primeira parte da vida militar do nosso brilhante compatriota.

Imagine-se a decepção, o violento choque que soffreria a alma do moço coronel, o heroe do Ismail e Otchakow, adulado por uma imperatriz formosa e poderosissima, invejado por um principe que tinha sob a mão o governo do maior imperio da Europa, Gomes

Freire, que vivera na côrte brilhante e cavalheiresca de Maria Antonieta de França, ter de vir habitar em Portugal, sob o consulado sachrista da senhora D. Maria I, e sob a mania das denuncias e sustos do bom Diogo Ignacio de Pina Manique, das facecias bossaes da fradaria, das brutalidades dos sargentos-móres.

E n'este enorme deserto, para o seu espirito de requintado gosto artistico, finissimo, apenas encontrava o oasis das *soirées* do duque de Lafões com o abbade Correia da Serra e o sabio Broussonet!...

E, vendo, porque tinha uma superior intelligencia de verdadeiro homem de estado, a marcha rachitica da politica portugueza, tantas vezes fraca, humilhante, cobarde, tantas vezes hypocrita, negociadora mediocre, sempre sem illustração, sem norte, sem dignidade, sem amôr ao paiz... Que de incertezas, de revoltas, de desgostos e de decepções se não povoaria o espirito de Gomes Freire ao ver o abarrotar de interesseira baixesa nos diversos poderes que então dominavam o reino.

Em Gomes Freire estava o germen da Revolução, adquirira-o na Russia sob o imperio da protectora do grande Diderot, avivara-o na França com d'Alembert e Grimm! e se o alimentassem tinha mais um homem a Revolução...

Foi o que aconteceu.

*
* *

Torturado Portugal pelas intimações da Hispanha e pelas admoestações da Inglaterra, e, não tendo, com o pretexto cavalheiroso de vingar a morte de Luiz XVI de França, acceitado as credenciaes do *cidadão* Darbaud, representante do governo da Republica Franceza que depois de preso pelos esbirros da Intendencia de policia da côrte lhe foi ordenada a immediata sahida do reino,—ficou por este facto declarada a guerra á França por parte da rainha a senhora D. Maria I.

Iamos pois, completamente desprevenidos, como hoje, entrar n'uma campanha muito seria com uma nação poderosa e em toda a exuberancia de patriotismo!...

Quanto a allianças já podiamos avaliar o que nos esperava, pelo primeiro tratado da Hispanha.

Era então reinante o celebre Carlos IV, marido de Maria Luiza. O governo de Sua Magestade catholica começou logo praticando a seguinte indignidade. A 15 de julho de 1793 fôra assignado o tratado de alliança offensiva e deffensiva com Portugal no palacio historico de Aranjuez, e ao artigo do texto hispanhol em que se dizia: «... *as tropas portuguezas obrarão em Hispanha inteiramente á disposição de Sua Magestade catholica,*» etc.—deveria, como era justo, corresponder est'outro: E no caso que a França venha a commetter hostilidades contra Portugal, ou declarar-lhe

guerra de maneira que precise de soccorros da monarchia hispanhola, *estes obrarão igualmente á disposição de Sua Magestade fidelissima*, e alem d'isso se obrigam suas ditas magestades a fazer causa commum na dita guerra,» etc.

Pois esta redacção foi recusada por parte de Carlos IV, e os subservientes ministros da senhora D. Maria I, acceitaram e deram por boa a seguinte modificação: —*E no caso de que a França declare igualmente uma guerra aggressiva a Sua Magestade fidelissima, se obrigam Suas Magestades a fazer causa commum na dita guerra.* Pois ficou isto assente; e tanto assim foi que a 11 de novembro de 1793 desembarcava no porto de Rosas na Catalunha, provincia hispanhola fronteiriça da França, o exercito portuguez na força de cinco mil homens, commandados por João Forbes Sekellater.

Estava pois bem confirmado o nosso auxilio á Hispanha por essa alliança que se inaugurava por uma verdadeira traição havida no tratado com os portuguezes.

E a traição era manifesta visto que se nos não garantia cousa alguma em troca do nosso sacrificio de vidas, dinheiro e consideração nacional.

D'este exercito fazia parte Gomes Freire de Andrade como coronel commandante da brigada de granadeiros.

O regimento *Freire de Andrade*, que antes se chamára do *marquez das Minas*, e depois, nos nossos dias, *4 de infanteria*, era commandado pelo tenente-coronel

Nicolau Joaquim de Caria. Ia na força de setecentos e noventa e oito homens.

O animo de Gomes Freire bastante magoado pelo modo como corriam os negocios diplomaticos, não estava pouco excitado pela subserviencia do governo portuguez. Ainda crente no valor militar dos nossos generaes, e, suppondo que os ministros de D. Maria I tivessem escolhido os mais intelligentes e mais patriotas para tão perigosa lucta, confiava, pelo arreganho do ministro de Carlos IV, o duque de Alcudia, no ardor das tropas hispanholas.

Veremos a cruel desillusão que estava reservada ao brilhante *sabreur* de Otchakow.

N'esta expedição iam alguns estrangeiros no estado maior: o duque de Northumberland, general e par de Inglaterra, o principe de Luxemburgo-Montmorency, o conde de Chalons e o conde de Liautau.

Pouco depois de chegar ao porto de Rosas, partiu a divisão portugueza para Ceret occupando o regimento *Freire de Andrade* com o de Cascaes a povoação de Rebós, na sua linha de batalha.

Fôra o caminho de Rosas a Ceret feito sob um violento temporal. Os nossos alli chegaram bastante fatigados do accelerado da marcha e completamente encharcados. Mal lhe chegava aos ouvidos a desejada voz de — *Alto!* — quando tiveram de correr logo ás trincheiras da ponte do Ceret, para salvarem o exercito hispanhol que já estava a ponto de capitular.

A estreia do regimento *Freire de Andrade* foi brilhantissima carregando os francezes briosamente.

A 26 de novembro de 1793 dá-se a batalha de Ceret, esse conhecido feito de armas, de que o general hispanhol, conde de la Union, disse na sua *orden del dia:* «... Não esqueço a Gomes Freire de Andrade, que fazia de brigadeiro de dia no da batalha, coronel do regimento do seu nome, pelo bem que se comportou, subindo promptamente e com denodo ao reducto atacado...»

Pouco depois terminava a campanha do anno de 1793 que, salvo alguns pequenos revezes foi bastante gloriosa para nós porque terminou com todo o exercito alliado em terras de França, acampando em Arlês e fazendo ahi quarteis de inverno a 2.ª brigada do commando de Gomes Freire assim composta: regimento *Freire de Andrade*, de que era coronel Gomes Freire mas que pela elevação d'este official a brigadeiro ficára sob o commando do tenente-coronel Nicolau Joaquim de Caria, e o regimento de Cascaes.

Apesar das victorias do exercito hispano-portuguez sobre os francezes, a guerra de Roussillon ia tornar-se n'uma verdadeira armadilha. Os hispanhoes já tinham mais de 18:000 doentes nos hospitaes, e os portuguezes tinham perto de 1:200 homens fóra do combate. E não se pensava em mandar-lhes reforços.

Com os francezes dava-se exactamente o contrario, por isso que estavam constantemente recebendo tropas frescas. Houve até um deputado na Convenção Nacional que pediu cem mil soldados da Republica a fim de marcharem immediatamente para a fronteira de Hispanha. E o facto é que pouco menos teriam os ge-

neraes da Republica Franceza ao encetarem a campanha de 1794 a 1795.

Quanto aos nossos a situação era muito differente. O exercito hispano-portuguez, distanciando muito as suas divisões, não teria na longa linha do Mediterraneo ao Atlantico, quarenta mil soldados validos.

Assim não era para estranhar a desconfiança que se ia apossando do exercito ao vêr-se que de Madrid se não pensava em mandar um unico soldado mais para a fronteira de França. Esta desconfiança augmentava dia a dia e poucos já se fiavam no resultado da campanha. E tanto assim era que os inglezes tendo a proxima lucta como uma *ratoeira*, mandaram retirar para a Grã-Bretanha o seu tenente-general, o duque de Northumberland. E atraz do nobre inglez não tardaram em seguil-o, no abandono d'aquelle condemnado exercito os realistas emigrados de França, conde de Liautau e o principe de Luxemburgo-Montmorency e alguns fidalgos portuguezes como o marquez de Niza e os condes de Tarouca e do Assumar; tudo muito a tempo retirou para Lisboa que é porto seguro. O exercito, esse lá ficava como refens dos que o abandonavam tão pouco nobremente!

Diz-se que o bravo Gomes Freire fôra um indisciplinado n'aquelle pequeno exercito, mas não se diz que o general Gomes Freire podia ter sabido, como outros mais tarde o souberam, que o honesto rei de Hispanha D. Carlos IV não mandava reforços ao seu exercito porque entendeu, de accordo com o seu intimo duque de Alcudia, não lhes convir uma conflagração con-

tra a França, porque o desmembramento d'esta potencia decerto enfraqueceria o poder do futuro monarcha que podia, e muito bem, ser um principe da real familia dos Borbons de Hispanha. E onde está provado que o general Gomes Freire com a sua brilhantissima intelligencia não tivesse percebido que o rapido afastamento dos nobres inglezes não significava uma demonstração de desgosto pela attitude tomada pelos chefes da esquadra hispanhola no bloqueio que a Inglaterra puzera ao porto de Toulon? E a attitude dos chefes hispanhoes não era ordenada pelo governo de Madrid?

O que é facto é que a Inglaterra separava-se manifestamente da sua alliada de Hispanha. Mas Portugal ficava. Sem forças, sem dinheiro para a guerra, sem auctoridade... mas ficava.

Pagaram-lhe bem.

Gomes Freire decerto sabia tudo isto, porque começou de inculpar alguns officiaes de se dobrarem demasiado á arrogancia proverbial dos hispanhoes de D. Manuel Godoy, duque de Alcudia, e não hesitou em apontar o proprio general em chefe do nosso exercito, o respeitavel João Forbes Skellater, como exemplar da mais excessiva meleabilidade e brandura para com os chefes hispanhoes.

*

* *

Começou a campanha de 1794.

Ia finalmente abrir-se essa terrivel ratoeira em que

cahiria primeiro a habilidade diplomatica dos nossos ministros, depois o nosso dinheiro, e por fim a dignidade e a independencia da patria.

No dia 29 de abril de 1794, Dugommier, general em chefe das divisões do exercito da Republica franceza, attaca a esquerda do exercito alliado toda composta de corpos da divisão portugueza. Sustentaram os nossos todo o vigoroso embate das avalanches republicanas, desde o romper da manhã até ás duas horas da tarde! Ainda d'esta vez, como no assalto de Villelongues de la Roca e de Saint Genés, foi a legião portugueza que salvou o exercito hispanhol de ser envolvido.

O exercito hispanhol estava então todo reduzido a 28:000 homens incluindo 14:000 *somatenes*, especie de milicianos, e os portuguezes pouco mais tinham de 3:000!

O resultado estava previsto; e Gomes Freire com os seus *tons indisciplinados*, no dizer do velho João Forbes, bem tinha mostrado qual seria a futura campanha. O exercito republicano bem dirigido recebia constantemente reforços. O exercito hispano-luzo reduzido a pouco mais de metade, estava completamente abandonado pelos governos de Portugal e Hispanha! O que n'este tempo se chamava indisciplina, era protestar contra os desvarios, contra as injustiças dos que o acaso ou intriga collocou no mando, era ser verdadeiramente amante da sua Patria. Eis porque o nosso Gomes Freire era um *intransigente*.

Gomes Freire fôra propheta com as suas *indiscipli-*

nas, porque em 1 de maio de 1794 todo o exercito tem de abandonar a linha do Tech, nos Pyrineos, è batido pelas columnas republicanas e retira definitivamente do territorio da republica franceza!

Occupam a linha de Figueras em terras de Hispanha.

Para os que desejem mais ampla noticia d'esta parte da guerra, decerto recorrem aos *Excerptos historicos* do illustrado general Claudio Chaby, e isto explica a extraordinaria leitura d'este notavel trabalho.

A 17 de novembro, depois do mallogrado attaque de 13 de agosto ao campo francez, é ainda a brigada de Gomes Freire (regimento de infanteria Freire de Andrade, e de Cascaes com parte do 1.º do Porto) a que retira a salvo, castigando por vezes o inimigo. Duzentos e tantos homens do 1.º regimento do Porto ficam prisioneiros dos republicanos devido ao abandono do general conde de la Union, que deixou envolver por cinco mil francezes, os portuguezes, que em obediencia ás suas ordens e respeito pela disciplina, cobriam a retirada das divisões hispanholas!

E dizia a ordem do exercito do conde de la Union que os nossos *iam no centro* das forças hispanholas.

Os nossos iam, sim, no centro da metralha. Como sabia o general castelhano em que ponto retiraram as tropas do seu commando, se até houve regimentos que cahiram nas mãos de Dugommier, porque o conde de la Union se esquecera da posição em que os havia collocado!!!... E, além d'isto, mandar cobrir aquella retirada em desordem por 400 portuguezes que

deviam sós (!) sustentar o encontro violento de milhares de inimigos já ebrios com a victoria, era d'uma grande cortezia da parte *del señor conde de la Union* para com tropas d'uma divisão auxiliar. E na *orden del dia* os portuguezes iam no centro do exercito hispanhol!!

Delicadissimo general! muito cuidado lhe deviamos... em papel!

Era tal, por este tempo, a desmoralisação das tropas hispanholas, que a praça de Figueras, rendeu-se ao receber do inimigo apenas quatro bombas incendiarias, tendo 9:000 homens de guarnição, 200 canhões de grosso calibre, 10:000 quintaes de polvora e grande quantidade de projectis.

Gomes Freire de Andrade, que se tinha batido como um bravo e que na desastrosa retirada do 1.º do maio fôra do diminuitissimo numero dos que resistiram *á avalanche* republicana das baionetas de Dugommier,—em face da indisciplina dos soldados do rei Carlos IV, e indignado contra a brandura e doblez do velho João Forbes para com o tom altaneiro de generaes que contavam derrotas por batalhas,—fez-se um pouco *franc-tireur*, isto é, trabalhou por conta propria. Eis como se fez o *intransigente* que foi tão fallado nos exercitos da campanha de Portugal e Hispanha.

Era necessario sustentar alguma passagem difficil: lá ia o regimento Freire de Andrade; e não era raro que outros o seguissem, porque era voz assente na divisão auxiliar, que onde estava Gomes Freire, estava a victoria ou a salvação da honra do exercito nacional.

Tanto assim foi que muitas vezes Gomes Freire

executou manobras sem que ninguem lh'as ordenasse. E que o digam os officios de Forbes a D. Miguel Pereira Forjaz.

Gomes Freire tinha a organisação de um patriota e de um chefe militar, não seria um bom politico, mas era incontestavelmente um general; via o estado da batalha n'um relance, e por mais de uma vez salvou o exercito com arriscados e imprevistos golpes de mão. Nem sempre lhe eram ordenados, é certo; e o ciume hispanhol não lh'os perdoava.

D'aqui as discordias, invejas e rivalidades entre elle, João Forbes, e os generaes hispanhoes. Não era um indisciplinado como se deprehendia dos ditos do cioso D. Miguel Forjaz e do velho Forbes, se se attendesse á intenção gloriosa com que realisava essas temeridades que o proprio inimigo celebrava, era sim um espirito justamente indignado contra a tibieza e contra a ignorancia. Pois não seria uma monstruosidade vêr Gomes Freire, o heroe da campanha da Russia, ás ordens de um velho fraco mandado por Luiz Pinto de Souza, o causador de tanta baixesa e cobardia!

Não devia pois o general João Forbes Skellater admirar-se de Gomes Freire não commetter actos de *indisciplina* nos exercitos de Catharina II, como os não praticou depois nos de Napoleão I, porque este official portuguez, o unico que sustentou a honra da bandeira nacional na seguinte campanha de 1801, não vira n'aquelles exercitos, embora não fossem os que o seu coração escolhera, os desvarios nem as humilhações a que teve de assistir na guerra luso-franco-hispanhola.

E quem conheceu Gomes Freire, sabe bem que seria impossivel áquelle grande espirito o que tão vulgar foi em tão desgraçada era: — esquecer a vergonha e tragar as affrontas...

Diz o sr. Pinheiro Chagas — a pag. 142 do 2.º vol. da *Historia de Portugal*, — que não havia n'aquelle desgraçado exercito nem commando, nem direcção, nem previdencia.

As discordias entre Forbes e Gomes Freire tiveram motivo honroso para este. O que mais irritava o moço brigadeiro, era a maneira facil como o general em chefe portuguez se dobrava ás imposições e se callava ás injustiças da proverbial ingratidão dos generaes de Carlos IV.

Pela entrega de Figueras, internou-se o exercito na linha de Gerona, sendo ainda, n'esta operação militar, Gomes Freire, o official que mais se distingue.

Estava terminado o anno de 1794.

Nos mezes de janeiro, fevereiro e março do novo anno, começaram a correr boatos de paz nos acampamentos. Em abril, maio e junho, houve apenas alguns reconhecimentos sem resultado e escaramuças nos postos avançados, perdendo-se comtudo n'estes mezes mais de 2:790 praças, pois que só a 14 de junho, quando o general republicano Perignon mandou forragiar em toda a linha dos hispanhoes, perderam estes perto de 2:000 homens.

A 17 de julho de 1795 sahiram de Gerona algumas tropas de infanteria, cavallaria, *somatenes* (milicias) e

husards de pé e a cavallo, sob o commando do marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta. Em quatro dias, passando por Besahu e Lot, chegaram a Puig-Cerdá. Este importante forte era pouco depois, tomado á viva força; em seguida entregava-se Velbet á columna de attaque em que iam uns 800 portuguezes. A guarnição franceza ficou toda prisioneira.

Aqui póde dizer-se, terminaram as operações de 1795 e com ellas a guerra chamada do Roussillon, por isso que no mez seguinte houve ordem de suspender as hostilidades nos dois campos inimigos.

Esta guerra tão desgraçada quanto inutil, onde nos lançámos levados pela Hispanha e enganados pela Inglaterra, não leva menor responsabilidade a essa politica, cobarde e servil para a França e Inglaterra, traiçoeira e altanada para comnosco, dos homens de estado da nação visinha, então sob o dominio do amante da rainha Maria Luiza.

Quando no dia 5 de agosto chegou ao quartel general portuguez, em Gerona, ordem de suspensão de hostilidades por estar tratada a paz entre França e Hispanha, houve geral estranhesa. Porque o general Forbes não tendo recebido do nosso governo communicação alguma, de nada fôra sabedor!! Mas em Lisboa tambem de nada se sabia! E, poucos dias antes, ainda o primeiro ministro de Sua Magestade catholica, dizia ao nosso embaixador, em Madrid, D. Diogo de Noronha,—a proposito da paz com a republica franceza.

—Por ora não julgo ainda ser tempo de tratar

d'isso; desejava porém saber, no caso de encetarmos taes negociações, o que fará a côrte de Lisboa. Seria bom que V. Ex.ª na sua correspondencia tocasse n'este ponto ao governo de Sua Magestade Fidelissima.

E o nosso D. Diogo respondia que não necessitava consultar o governo de sua soberana porque Portugal *havia de ir sempre* de accordo com o que a Inglaterra e a Hispanha resolvessem. Então, o ministro de Carlos IV, D. Manoel Godoy duque de Alcudia, insinuava que a côrte de S. James não andára, ultimamente, de muito bôa fé com a de Aranjuez, e que urgia portanto tomar um partido, independente de qualquer intervenção do gabinete de Londres.

De resto, era visivel que a Hispanha tratava a paz com França, atraiçoando a nação que a soccorrera na vespera.

Isto a 11 de agosto de 1795.

Mais de um mez, antes da ordem de suspensão de hostilidades chegar aos acampamentos portuguezes e hispanhoes, isto é a 22 de julho de 1795, assignavam, na cidade de Basilêa, D. Domingos Yriarte, plenitenciario hispanhol, e o cidadão François Barthelemy, a paz entre o governo de Sua Magestade Catholica e o da Republica Franceza.

*

* *

Chegando a este ponto, temos tratado das campanhas de Gomes Freire na Russia e em Hispanha, va-

mos agora affirmar a sua intransigencia para com tudo que se lhe afigurasse contrario á dignidade e bom nome de Portugal.

Em breve verêmos como, em seguida á nossa invasão pela Galliza, seis annos depois, que foi um dos mais brilhantes feitos d'armas de Gomes Freire, se confirma essa *intransigencia* para com o dominio francez—no que foi muito applaudido pelos inglezes, designadamente o duque de Sussex—como contra todo o dominio estrangeiro na sua patria.

Intransigente contra o poder absoluto, intransigente contra a deslealdade, contra a ignorancia, contra a dominação despotica fosse de quem fosse.

Assim, era Gomes Freire *um intransigente.*

O SUSPEITO

CAPITULO II

Campanhas em Portugal e França

Terminára a guerra do Norte de Hispanha, contra a Republica Franceza.

Estava feita a paz acceitando, o *Directorio executivo*, a mediação do rei de Hispanha, em favor das nações que aquelle tratado não alcançava: Parma, Piemonte e *Portugal!!*

Não consta, em documento algum da epocha, que exercitos piemontezes ou do grão duque de Parma viessem a Hispanha com o fim de a auxiliar na sua campanha contra a Republica.

Com Portugal era o caso muito differente. Fornecera a el-rei Carlos IV uma divisão de 5:000 homens que se bateu em favor d'este, durante dois annos, ficando Portugal, *unicamente por este facto*, em guerra com a França. Com Portugal era o caso differente por-

que se fizera, entre as côrtes de Madrid e de Lisboa, um tratado de alliança offensivo e deffensivo; e n'esse tratado, o de 15 de julho de 1793, se obrigavam *suas ditas magestades a fazer causa commum na dita guerra.*

Como era que a *nossa amiga* Hispanha se apartava da *causa commum*, ficando por mediadora entre nós e o inimigo? N'esse caso, estava do lado do inimigo, do francez, do republicano! Eram nossos alliados, os hispanhoes, e estavam do lado do inimigo; eram monarchicos do direito divino, e estavam com a republica que declarára tyrannos todos os reis; e como tal: reus de lesa-nação condemnados á morte! Portuguezes e hispanhoes são de raças irmãs, mas Carlos IV passava-se para a França guerreando seus filhos — os soberanos de Portugal!...

Para que a navalhada da *cuchilla* de Godoy fosse bem funda, nem sequer a divisão portugueza foi conduzida a Lisboa por conta de quem tanto interesse tirára do seu auxilio. Vieram em navios hispanhoes. Mas em um officio do presidente do conselho Luiz Pinto de Sousa, de 26 de dezembro de 1795, se prova que os hispanhoes receberam 80 contos de réis por essa conducção! Não consta porém, como compensação, que a Hispanha nos indemnisasse da despeza que fizemos quando a expedição foi para lá, *a bordo da nossa esquadra*, em novembro de 1793...

Muito devemos á monarchia hispanhola em auxilios e lealdade!

A guerra de que vamos agora tratar, por se destacar n'ella, como principal figura a de Gomes Freire,

deixou-nos pobre de documentos para descrevel-a. E a razão é simples: as bibliothecas e archivos publicos servem só a determinadas entidades. Mas quando d'ellas *desapparecem* os documentos affirmativos de qualquer situação historica, então, é que se abrem de par em par aquellas instancias aos desprotegidos.

Não nos lamentamos muito, porque temos junto a nós rasoavel numero de irmãos na desgraça. Por exemplo nos *Excerptos* do sr. general Chaby, tão ricos de subsidios para as campanhas de 1793-1795 e de 1808-1814, nada encontrámos sobre a de 1801.

Na obra de Luz Soriano, *Historia do governo parlamentar*, alguma cousa se nos deparou. E' porém na *Historia de Portugal*, dirigida por Pinheiro Chagas, que encontramos uma critica vehemente e justa sobre as causas determinantes d'esta desgraçada guerra.

Na obra de Pinheiro Chagas, ha, a par de larga erudição e um apurado criterio sobre os homens politicos da nefasta epocha a que nos reportamos,—conscienciosa observação, seguro estudo da historia documentada, e um methodo irreprehensivel de trabalho.

Para conhecer uma epocha historica do nosso paiz, fallecem-nos os documentos, designadamente quando essa epocha seja a dos principios do seculo que vae findar. Existem ainda interesses e direitos que ficariam completamente condemnados os primeiros, e nullos os segundos, se apparecessem determinados elementos para a constituição da verdadeira historia.

Ora a classe dirigente, as sumidades que superintendem nos archivos e bibliothecas da nação, umas ve-

zes por propositado amôr ao monopolio da sciencia official, é a que tem maior interesse em que o trabalhador avido de reconstruir o passado, nunca o possa conhecer, para o não publicar. Mas encontrámos obra desassombrada. E eis porque citamos e transcrevemos alguns trechos da altiva e independente *Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas, de preferencia a outras, incluindo aquellas a que o mesmo elegante escriptor se soccorreu.

Por outra razão preferimos tambem o trabalho do senhor conselheiro Chagas. E' que entre os livros consultados até agora: Thiers, Foy, Guizot, Luz Soriano e Chaby, encontramos tantas contradicções e omissões, completando-se uns, contradizendo-se outros, que forçoso nos foi acceitar a media, isto é: — memorias particulares de alguns dos homens da epocha, comparadas com a opinião que d'elles faziam os historiadores citados — esta *média* pareceu-nos a seguida pelo sr. Pinheiro Chagas no livro apontado. Além d'isso o criterio que no seu trabalho se nos deparou, a par do calor patriotico, é são e convencedor. E, finalmente, porque não devemos confessal-o? — a vehemencia de Pinheiro Chagas contra a subserviencia dos diplomatas d'aquelle tempo, animou-nos ao commettimento, fazendo-nos crer n'um futuro reparador de tanto desastre.

Posto isto continuemos.

Pelo tratado com a França, de 29 de janeiro de 1801, foi o rei de Hispanha obrigado pelo governo do Primeiro Consul, a declarar guerra a Portugal, *a seus filhos*, como dizia o senil hypocrita Carlos IV.

Só teriamos probabilidades de paz nas seguintes condições: — abandonar a Inglaterra — abrir os nossos portos aos francezes e hispanhoes, e fechal-os aos inglezes;—entregar á Hispanha uma ou mais provincias como refens, até que a Inglaterra lhe entregasse Mahon, Malta e Trindade;—indemnisar a França e Hispanha, e rectificar os nossos limites com esta ultima potencia, abandonando-lhe os nossos terrenos a leste do Guadiana!

Triste papel o que representava a nossa diplomacia de 1793!!

O enviado extraordinario que então destacámos para Madrid, era o nosso ministro em Pariz, D. José Maria de Sousa Botelho, o celebre, *Morgado de Matteus*, que inutilmente se humilhou deante de D. Pedro Cevallos, de Luciano Bonaparte embaixador de França, e do primeiro ministro do rei de Hispanha D. Manoel Godoy, duque de Alcudia.

Tudo porém foi baldado. As ordens de Napoleão Bonaparte a D. Carlos IV eram terminantes...

O *morgado de Matteus* foi mandado sahir de Madrid logo no principio de março de 1801, concluindo assim a triste missão de encarregado das negociações com a França, d'aquelle tempo. De nada lhe valeu a intelligencia, deante da fraqueza dos ministros de D. Maria I, da obsecação e velhacaria dos ministros hispanhoes, e da soberbia do francez.

A Inglaterra abandonara-nos. A Hispanha venderanos. Já antes de desenganado o *morgado de Matteus*, haviam sido dados os passaportes a D. Diogo de Car-

valho e Sampaio, nosso residente em Madrid, ao passo que o duque de Frias pedira os seus como ministro de Hispanha em Lisboa.

A 2 de março de 1801 estava officialmente declarada a guerra entre Portugal e a Hispanha unida á França.

Novos dissabores ia a sorte reservar para o intrepido Gomes Freire então mestre de campo general.

Em 1801 o numero total do exercito portuguez, no estado impossivel de entrar em campanha, mal attingia o effectivo de 30:000 homens. Porém, segundo o costume, lá figurava nos papeis do illustre marechal-general com a bonita cifra de 52:000 homens.

O exercito hispanhol sob o commando superior do duque d'Alcudia, na força de 54:800 homens, era composto de sete divisões; a 1.ª devia attacar o Minho e Traz-os-Montes; a 2.ª o Algarve. As cinco restantes occupariam o Alemtejo e observavam as provincias da Beira e Extremadura, sendo protegidas por um corpo de exercito francez na força de 15:000 homens sob o mando de Leclerc, que devia estar em Ciudad Rodrigo.

O exercito portuguez dividido em dois corpos de operações, um ao norte, outro ao sul do Douro, era superiormente commandado pelo duque de Lafões que então tinha 82 annos de edade.

Segundo Luz Soriano, o exercito do Alemtejo do general Forbes, compunha-se de 12:000 homens: o da Beira do marquez de Alorna, com milicias e tropa de linha, attingia a cifra de 12:138 homens, e o do norte

uns 3:000 homens sob as ordens do emigrado francez marquez de la Rosiére, tendo por mestre de campo o bravo Gomes Freire de Andrade.

Diz o sr. Pinheiro Chagas que nos generaes portuguezes havia a convicção de que a guerra não era séria, citando as seguintes phrases do duque de Lafões ao marquez de Solano: — «Para que nos havemos de bater? dizia o duque, Portugal e a Hispanha, são duas bestas de carga. A Inglaterra nos excita a nós e a França vos aguilhoa a vós. Agitemos e toquemos pois as nossas sinetas; mas, por amôr de Deus, não nos façamos mal algum. Muito se ririam em tal caso á nossa custa.»

Que Portugal e a Hispanha foram, como diz o povo, dois paus mandados não tem que vêr. Mas parece que Solano, o mesmo que servira ao lado dos nossos como coronel em 1793, não esteve pelo engraçado conselho de Lafões. Não tocou as sinetas, tocou as caixas de rufo, e o proprio duque de Lafões poderia testemunhar se tinha ido ou não a toque de caixa até Abrantes; e nem mesmo ahi parou, por isso que fugiu para Santarem abandonando o exercito e não parando senão em Lisboa!

O exercito portuguez estava indisciplinado, os chefes, não acreditando na guerra não se prepararam para ella, os soldados vinham da fronteira a Lisboa sem licença dos seus superiores, enxameavam n'elle estrangueiros que não obedeciam a ninguem...

A campanha durou pouco mais de dezoito dias, e perdeu-se Olivença Juromenha. Campo Maior, Mon-

forte, Arronches, Castello de Vide, Ouguella e Barbacena. Póde dizer-se sem pretender enflorar de novo a aureola do martyriologio de Gomes Freire, que além do conde de Castromarim, só elle honrou o exercito e salvou Portugal de uma perda completa n'aquella desgraçada guerra.

Se não fossem as conquistas feitas por Gomes Freire de Andrade no norte do reino, tudo estava perdido.

A 14 de junho, Gomes Freire, invadiu a Hispanha, tomou as aldeias de Bosaens e de Fizera. E o exercito hispanhol, apesar de superior em força, recuou sempre em frente do arrojado Gomes Freire. Os habitantes da Galliza não davam logar a que o exercito de D. Carlos IV readquirisse a força moral perdida, por isso que a brigada era por elles recebida aos gritos enthusiasticos de:

—Viva Portugal!

—Viva a rainha fidelissima!

E tudo isto conseguia Gomes Freire apenas em quatro dias com uma columna de attaque de dois mil homens, n'uma rapida marcha, como só depois o fizeram os marechaes de Napoleão!!!...

Escusado será accrescentar, attendendo ao espirito educativo da epocha, que nem o general La Rosiére, nem o tenente general Ordaz de Queiroz ou o marquez de Alorna, apoiaram a invasão de Gomes Freire na Galliza, e menos lhe mandaram uns soldados sequer a cobrir-lhe a retirada, caso fosse obrigado a entrar rapidamente em Portugal...

Com as brilhantes operações do general Gomes Freire, no norte, conseguimos que em todas as povoações, tomadas por nós na provincia hispanhola da Galliza, nos fossem entregues Campo Maior, Juromenha, Arronches e Monforte.

E foi este o homem que, annos depois, era condemnado á morte por traição á Patria!!!

Pois quanto a nós, se Gomes Freire tivesse o commando das forças portuguezas no Alemtejo, as cousas não teriam tomado o rumo que levaram nas mãos do caduco Lafões e do velho maleavel João Forbes Sekellater. Assim como entendemos que não foi a sorte das armas que nos arrebatou Olivença, essa terra querida, pois quem a entregou a Carlos IV, foi o futuro D. João VI, e tanto é assim que sua alteza real o principe regente, em seguida ao tratado da paz de 6 de junho, na declaração de 8 do mesmo mez, e de modo mui claro, no art. 3.º sobre a sessão da praça de Olivença e seu territorio, diz o plenipotenciario portuguez que essa cessão só podia ter effectividade com expressa annuencia do principe regente «... *ractificação* de S. A. R. o Principe Regente, ou a *sua absoluta denegação*»...

Ora como não houve denegação da parte do futuro D. João VI, é claro que foi elle o doador de Olivença ao senhor D. Carlos IV o infeliz marido da rainha D. Maria Luiza...

E no espirito de Gomes Freire começára de formar-se a ideia de que seria impossivel a rehabilitação de Portugal emquanto, como hoje, entre portu-

guezes imperasse o estrangeiro. De animo rigoroso, coração quente, não sabia ser hypocrita. E n'um meio monastico como o que então assoberbava o paiz, a irritação de caracter de Gomes Freire de Andrade era perfeitamente natural.

De facto, nos dias 24 e 25 de Julho de 1803, já o general demonstrára praticamente não poder supportar tanto estrangeiro dominando no paiz; francezes emigrados, inglezes, allemães, hispanhoes, etc. No dia da festa de Nossa Senhora da Piedade no sitio de Campo d'Ourique, em Lisboa, deu o general Gomes Freire voz de prisão ao francez Grosson como principal auctor dos disturbios. Ora este sr. Grosson era ajudante do real corpo de policia de Pina Manique. Imaginem o que d'aqui resultou! N'esta sedição entraram, a legião do marquez de Alorna e o regimento *Freire de Andrade*, que se aquartelava então em Campo de Ourique, onde hoje está o regimento n.º 16 de infanteria.

Gomes Freire, o heroe da guerra de 1793 e da de 1801 foi preso na Torre de Belem, e o seu regimento composto ainda dos bravos que haviam invadido os Pyreneos francezes até Perpygnan e batido os hispanhoes na Galliza, esses briosos soldados que tanto honraram o nome portuguez, esse regimento historico foi desterrado em massa para Cascaes, pelo crime de se ter batido contra o corpo da policia, composta em grande parte de estrangeiros e commandado por um francez!

Então o *suspeito de francez* prendia mr. Grosson e batia se contra os francezes da policia, unicamente

pelo facto de não querer *francezes* ou quaesquer outros estrangeiros mandando na sua patria.

Pela intervenção, em favor de Gomes Freire de Andrade, do duque de Sussex, então em Lisboa, se prova que os tumultos de julho de 1803, *eram symptomas da impressão desagradavel causada no animo dos portuguezes pela preponderancia que o elemento estrangeiro hia tomando em Portugal*, trazendo-lhe muitas humilhações sempre infligidas pelos governos que interessivamente se submetteram aos das outras nações.

*
* *

Quatro annos depois era Portugal invadido, sem resistencia da nossa parte, pelos soldados de Napoleão I e formava-se a Legião Luzitana, e esses militares não iam exclusivamente servir os interesses francezes, por isso que obedeciam ás ordens de S. A. R. o principe regente D. João.

As auctoridades do paiz mandavam que os francezes fossem bem recebidos e tratados como amigos pelo povo portuguez. Poderia ser alcunhado de traidor quem obedecesse ás ordens do principe regente D. João!...

Ora Gomes Freire, que estivera ao serviço da Russia, primeiro, e depois da Hispanha com applauso de muitos e a admiração de todos, não podia ser censurado por servir a França que no seu exercito tinha o rei de Napoles e o rei de Hispanha.

De resto n'aquella epocha todos os homens illustrados, e designadamente a côrte, tinham como impossivel a lucta contra Napoleão, estava-se convencido que Portugal fôra riscado do numero das nações independentes. E, assim se pensava, de facto, na côrte do Rio de Janeiro, que já não via no velho Portugal senão uma colonia do Imperio Francez.

Para se fazer uma idéa do estado de aviltamento a que chegára a intellectualidade portugueza, quando em 1807 a familia real fugiu para os estados do Brazil, basta transcrever de um escriptor do tempo, o seguinte:

«Tomou o nosso principe a heroica resolução de se embarcar com toda a familia para o Brazil.»

...«Carlos V quiz partir para o Mexico. Os srs. D. João III, D. João IV, D. Pedro II, e D. José I, todos quizeram partir para o Brazil, mas esta gloria estava só reservada para o nosso amado principe...» etc., etc.

Para que os meus leitores melhor comprehendam o estado do espirito de Gomes Freire ante esse desmoronar assim de uma tão gloriosa nacionalidade, vamos transcrever da *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, o seguinte periodo que dá o verdadeiro estado normal da nação portugueza na epocha a que nos referimos.

«A politica seguida n'essa grande crise europea, pelo governo portuguez, não podia ser effectivamente nem mais desastrada, nem mais inepta, nem mais infamante. Entendemos que, acima de todas as conside-

rações do poder ou de fraqueza está o brio ou pundonor nacional.

«Uma nação não se sujeita a humilhações aviltantes sejam quaes forem a consequencias que d'ahi lhe possam resultar. As baixesas com que o governo do principe regente comprou uma tranquillidade precaria, ainda hoje nos fazem córar de vergonha. A sua subserviencia para com o arrogante Lannes, as suas supplicas, o pagamento de quinze milhões de francos para comprar o direito de ser neutral, a sua obediencia ás ordens de Napoleão, ainda ás que mais repugnaram á consciencia do soberano, obediencia que de mais a mais era fingida — porque as humilhações, a que desciamos para comprazer com a França, tinham como contrapezo as humilhações não menores, a que baixavamos para não descontentarmos a Inglaterra — tudo isso constitue uma serie de villanias que deshonram, de um modo realmente escandaloso, a historia portugueza, que resplandece com tam nobres feitos e tam gloriosas acções.»

E poderia uma personalidade de um alto valor patrio como a que é, para nós, Gomes Freire ficar indifferente a esse desabar lento do edificio nacional, a esse afundar gradual da nacionalidade portuguexa? Era possivel que um patriota, um luctador como o bravo de Otchacov e Ceret, não se revoltasse violentamente contra essa deshonra politica que enodoava Portugal?!...

Pois se os homens de hoje, como Pinheiro Chagas, se sentem indignados vehementemente, contra os que

n'aquelle tempo produziram as desgraças da patria, como se póde acceitar que o espirito superior de um general cheio de bravura e intelligencia ficasse indifferente ao baquear de todas as franquias nacionaes!...

Além de que, o general deveria ter sentido mais de uma vez como que a miragem do futuro: — o sacrificio de 1817, a desforra de 1820 e a explendida aurora de 1834!...

*
* *

Chegada a Legião Luzitana a França, Napoleão I aproveitou-se immediatamente d'este brilhante reforço para o empregar na terrivel campanha do Norte.

E' por demais conhecida a parte notabilissima que o nosso Gomes Freire tomou na guerra contra a Russia, em 1812. A tomada de Smolensko, a batalha de Moskowa e a passagem de Beresina, tornaram Gomes Freire um dos heroes da celebre retirada da Russia, valendo mais, no conceito do imperador Napoleão, do que o arrojado Murat ou o bravo Ney; porque estes combatiam sob a sua bandeira, deffendiam as insignias da Patria, — e Gomes Freire sustentava o brio de militar, a tradicção historica do nosso exercito, a reputação de bravura dos soldados portuguezes, sem que ao menos visse tremular entre os seus a bandeira das quinas, o pendão portuguez, tam glorioso e tam ovante em outras eras.

Era portanto Gomes Freire, melhor militar, mais va-

lente do que o marechal Ney ou o principe de Murat.

Assim o entendeu Napoleão.

E tanto o entendeu assim que ao chegar á Russia, na volta da desastrosa campanha de 1812, promoveu Gomes Freire a marechal e entregou-lhe, em 1813, o governo militar da cidade de Dresden.

E Napoleão, todos o sabem, não promovia nem distinguia nenhum official cuja bravura não fosse acima de todo o elogio.

Em abril de 1814, Napoleão Bonaparte era forçado pela Europa colligada a abdicar a corôa do Imperio Francez; e a 30 de maio seguinte reuniam-se em Paris, os plenipotenciarios das diversas nações que haviam combatido Napoleão.

O governo portuguez, quer o da regencia em Lisboa, quer o do principe D. João no Rio de Janeiro, continuou em ambas as sédes a affrontosa subserviencia de obedecer em tudo ao inglez.

E assim, Portugal que se batera no campo, com vantagem crescente, contra as hostes napoleonicas, vencendo denodadamente as commandadas por Massena, Marmont, Sebastiani, Oudinot, Regnier e outros afamados marechaes do *primeiro imperio*,—não tinha logar em Paris, no congresso dos plenipotenciarios, porque o inglez arrogara-se o direito de representar Portugal, Hispanha e Suecia!...

E' verdade que em compensação, como nos tempos que vão correndo, tinhamos dois representantes em Londres!

*

* *

Pelo tratado de 1814 regressaram a Lisboa os restos da Legião Luzitana, que além da guerra da Russia haviam feito a campanha da Austria entrando na celebre batalha de Wagram.

Ouçamos um escriptor allemão sobre o modo como os soldados portuguezes se portaram na historica batalha:

«...os austriacos deffendiam-se briosamente. Duas baterias suas cobriam de metralha a encosta. Uma divisão franceza investe com impeto, dois batalhões portuguezes acompanham o attaque. Mas a chuva de metralha é horrivel. Apesar da sua intrepidez os regimentos francezes hesitam, recuam, e são os dois batalhões portuguezes os que primeiro entram no reducto, dando exemplo aos seus companheiros d'armas, e merecendo os applausos de Oudinot e os publicos elogios do imperador!»

Estava tomada a posição de Baumersdorff pelos portuguezes!

No dia seguinte feria-se a batalha de Wagram, e os soldados da Legião Luzitana comportam-se de tal guiza que o imperador Napoleão I exclamou, n'um momento de expansiva sinceridade, dirigindo-se aos officiaes portuguezes que o rodeavam:

—Não ha melhores soldados na Europa!

O MARTYR

CAPITULO III

As campanhas em França

17 de outubro de 1817

Labeu de estranho jugo a patria infama
Vivo sol de seus brios s'escondia;
Eil-o do heroe refulge o peito em chamma
De virtude immortal, que ao ceu nos guia.
Avante! diz; e livre a patria acclama.
A vida aos golpes càe da tyrannia,
Embora! que na voz da heroecidade
Eterno soarà — **FREIRE DE ANDRADE.**

Joaquim da Costa Cascaes (1855)

Quando o general Gomes Freire de Andrade regressou a Portugal, o estado do espirito publico era, quanto possivel, adverso á alliança ingleza pela maneira vilissima como esta nação comnosco se portára. O tratado de 1810 matára a nossa autonomia commercial e politica na Europa; a occupação ingleza da nossa Ilha da Madeira, por meios traiçoeiros exacerbara o sentimento nacional, já ferido pelo vergonhoso abandono do governo inglez, nosso alliado (!), para com uma nação a quem devia a victoria sobre o imperador dos francezes.

Wiliam Carr Beresford nomeado general em chefe do exercito portuguez por sua alteza real o principe regente D. João, era o verdadeiro inspirador da fradesca regencia, e arvorara-se em supremo dictador de todo o nosso paiz.

Em 1816, e depois de uma viagem ao Rio de Janeiro, conseguiu Beresford que el-rei D. João VI, apesar das animosidades e surda revolta que o despotismo anti-patriotico do marechal estava causando no nosso exercito, o elevasse a *marechal general* dos exercitos reaes de Sua Magestade fidelissima, com poderes independentes dos da regencia de Portugal. Ora isto ia, felizmente, acabar de vez com as hesitações em castigar e expulsar do continente o intruso e brutal inglez Wiliam Carr Beresford; e assim foi, porque esta nomeação em logar de suavisar os animos portuguezes justamente irritados contra o *marechal* Beresford, ia aggravar os conflictos havidos, tornando-os de uma calliginosa gravidade, por isso que se despresava a revolta anciando-se já por uma verdadeira revolução!...

Estamos chegados ao anno de 1817, essa efemeride que tam nefasta foi para os liberaes portuguezes.

Nefasta, tanto para os que habitavam a Europa, como para os da nossa America.

Na Europa, era Gomes Freire o fiador do movimento de que foi depois a principal victima com mais onze companheiros.

Na America Portugueza, ou Brazil, foi Domingos José Martins o principal auctor da revolta, chegando

a proclamar o governo democratico pela fórma republicana em Pernambuco. As victimas aqui foram em maior numero do que em Portugal. Só enforcados houve quatorze, entrando n'esse numero José de Barros Lima o mais sympathico dos revolucionarios. Quatorze foram enforcados! mas as arbitrariedades praticadas pela alçada, presidida pelo sanguinario desembargador Bernardo Pereira Coutinho, foram inumeraveis!...

*

* *

Era composta a regencia, no anno de 1817, de Antonio José Miranda, do marquez de Olhão, do conde de Peniche, do marquez de Borba e de D. Miguel Forjaz.

A proposito das causas que determinaram Gomes Freire a tomar a iniciativa da revolta contra o despotismo estrangeiro, diz Gervinus, o consciencioso auctor da *Historia do seculo XIX.* — «A altivez do exercito irritava-se havia muito tempo contra os inglezes, desde que Wellington deixára o paiz sem sequer se despedir, apesar de lhe dever em grande parte a sua gloria. Este azedume voltou-se contra todos os inglezes que havia no exercito, onde occupavam um terço de todos os quadros d'officiaes, ao passo que um grande numero de officiaes portuguezes tinham sido licenceados ou estavam a meio soldo; e recahiu, porém, principalmente sobre Beresford, porque a sua disciplina severa e violenta offendia os habitos do paiz e por-

que parecia um insulto infamante aos portuguezes a medida que, em plena paz, conservava esse estrangeiro á frente do exercito... A todas estas causas de irritação accresciam as maneiras altivas e brutaes de todos os outros compatriotas de Beresford, para inflammar, não só no exercito, porém em todas as classes da população, o odio aos inglezes. Effectivamente, qual era a classe que elles não tinham ferido e lesado?...»

Não era a disciplina severa e violenta do *marechal* o que fazia revoltar os animos briosos, no nosso exercito, era, sim, o *inglez*, o estrangeiro, mandando os portuguezes, como se estes fossem os soldados de Lobengula ou de outro qualquer potentado da cafreria!

De coronel para cima, era raro existir official que não fosse inglez! Depois, havia dois annos que terminára a guerra... Que estava aqui fazendo ainda o *inglez?!*...

Não nos haviamos batido, cinco annos, por certo, contra o jugo estrangeiro, fazendo sacrificios de que ainda hoje padecemos, para servir a Inglaterra!...

O descontentamento affirmava-se geralmente e no exercito lavrava já a idéa em via de pratica, para expulsar os inglezes do governo, de desagravar a dignidade nacional affrontada pelo abandono do imperante, e para obter da monarchia concessões liberaes. E, como era natural, á frente d'este movimento, que já se accusava com certa agitação nos quarteis, ia pôr-se um homem odiado dos inglezes por ser liberal, por ser generoso, e por ter servido com Bonaparte, esse

que pretendeu reduzir á fome os inglezes, no abençoado *bloqueio continental!*

Este homem não podia ser outro senão Gomes Freire de Andrade.

Effectivamente, em 2 de fevereiro de 1817, ouviram-se os primeiros vagidos da conspiração. O juiz ordinario do Sardoal entregava ao intendente da policia da côrte e reino, o seguinte pasquim revolucionario:

ESPIRITO NACIONAL

Quem perde Portugal? — **O marechal.**
Quem sancciona as leis? — **O rei.**
Quem são os executores? — **Os governadores.**

Para o marechal — **um punhal.**
Para o rei — **a lei.**
Para os governadores — **os executores.**

Foi descoberta a conspiração pela leviandade que teve um desgraçado, Antonio Cabral Calheiros Furtado e Lemos, n'uma tarde, em pleno café Marrare, de contar tudo quanto sabia, a pretexto de chamar a si os officiaes Pedro de Moraes Sarmento, capitão-ajudante de campo do general Vahia, governador de Tra-os-Montes, o tenente de policia Antonio de Padua e o bacharel Gameiro.

Na conhecida publicação intitulada *Memoria sobre a conspiração de 1817, vulgarmente chamada a conspira-*

ção de Gomes Freire, escripta e publicada por um portuguez, amigo da Justiça e da Verdade, no capitulo 3.º secção 1.ª, pag. 85, eu encontrei, em resposta a uma carta do auctor, datada de 18 de abril de 1821, de Lisboa; o seguinte documento, escripto a 8 de maio de 1821, em Londres.

Esta carta tem todo o sabor da intriga dos homens da epocha, revelando ao mesmo tempo que o general Wiliam Carr Beresford, não foi estranho ao que alli se escreveu; comtudo, como é na sua integra um documento quasi desconhecido, damol-o aos nossos leitores, sem alterar a respectiva orthographia e syntaxe.

Segue o documento:

«Apresso-me a responder á carta que V. m. me fez a honra de dirigir com data de 18 do mez passado. Desgraçadamente nada ha mais certo do que ser eu do numero das victimas implicadas n'essa infausta conspiração de 1817. Mil boatos, inventados pela malevolencia de alguns, se forão acreditando em publico, e cada hum foi dizendo, e exagerando o que bem lhe parecer, sem que eu podesse desmentir, nem impedir a circulação de taes boatos. Vendo-me forçadamente obrigado a supportar todo o pezo de calumnias, que se tem espalhado contra mim, não me restava outro recurso senão esperar que o tempo, aclarando a verdade, me fizesse justiça. Abandonei-me a esta resolução e vivia retirado de todo o mundo, occupando-me inteiramente do desempenho dos meus deveres como militar, e não vivia senão com a minha familia,

e com aquellas pessoas, que conhecendo a minha conducta, nada tinham perdido da estima e amisade, que até hoje me tem conservado.»

«A minha justificação começava a adquirir alguma consistencia, porque os meus amigos não perdiam occasião de desmentir as asserções falsas que se espalhavão contra mim, substituindo-lhes a verdade. Veio porém a revolução de 24 de agosto, e de 15 de setembro, e as paixões tornaram a revolver-se de uma maneira pouco favoravel á minha causa. Certo da minha innocencia, e resoluto a defender-me contra qualquer insulto, julguei que não devia esconder-me nem sair de Lisboa, onde permaneci algum tempo depois da revolução, sem deixar de me apresentar nos logares publicos e tinha a satisfação de não ser insultado.»

«Entretanto, para tranquilisar a minha familia, aproveitei-me de uma licença para vir a Londres, menos por temor do que tivesse de ficar em Portugal, do que para tratar aqui da minha justificação por via dos *periodicos portuguezes*. Este recurso porém não ha sido concedido porque apenas publicarão logo contra mim novas calumnias, ainda mais injuriosas, que as que já circulavão. Quiz usar contra um d'elles dos meios, que me concedem as leis do paiz, mas apesar do bom direito, que para isso tinha, vi-me obrigado a parar a causa por não poder suprir as despezas necessarias, sem comtudo renunciar a ella em occasião opportuna, outro Redactor mais humano e justo, teve comigo uma conferencia, na qual tendo-lhe esposto toda a verdade do meu caso devo confessar que mostrou tomar a mi-

nha defeza mas segundo razões tenho para assim o pensar cedendo as solicitações de algum contrario meu, ou pensando talvez que ficava comprometida a sua reputação, achou pretextos honestos de retirar a sua promessa. Pedi a quem fallasse a outro para inserir algumas reclamações contra tantas e tão atrozes injurias, que se tem espalhado contra mim, escusou-se dando em resposta, que o mais que poderia fazer era não fallar a meu respeito nem em bem nem em mal: a nas minhas circumstancias não posso deixar de reconhecer n'isto mesmo hum grande favor.»

«Privado d'este modo, de todos os meios de justificar-me ainda que me não julgue criminoso, tomei o partido de resignar-me a tudo o que podesse acontecer, descançando sobre a minha consciencia, e deixando ao tempo a minha justificação; porque sempre ouvi dizer que a verdade, tarde ou cedo chega a ser descoberta. Agora porém que V. m. se dignou escrever-me, pedindo-me informações do que eu soubesse ácerca da conspiração, renasce em mim a esperança de encontrar opportuna occasião de inteirar o publico de toda a verdade, sobre tudo o que diz respeito á parte que toca n'este particular; e com a mesma verdade, e franqueza direi o que souber sobre a dita conspiração. Torno a repetir, direi a verdade; porque eu não pretendo escusar-me de ter tido parte no descobrimento da conspiração; o que sempre pertendi, e pertendo agora, he que se não adulterem os factos nem se dê mais nem menos valor á minha conducta, do que aquelle que ella merece; huma vez conhecida a

verdade, póde ser que ainda assim mesmo eu tenha a desgraça de não ficar justificado aos olhos de muita gente mas ao menos restar-me-ha a consolação de ficar justificado aos olhos de huma boa parte.»

«Achando-me em Lisboa no dia 15 do mez de abril de 1817, em vesporas de partir, para reunir-me ao brigadeiro, Luiz Maria de Souza Vahia, que commandava a 5.ª brigada de infanteria, em Traz-os-Montes, do qual eu era ajudante de ordens, achei-me por acaso no Botequim do Marrare n'essa noite, em companhia de Antonio de Padua, então tenente da Policia, e do bacharel Gameiro, depois juiz de Fóra de Oeiras, quiz o mesmo acaso que tambem lá se achasse Antonio Cabral Calheiros, com quem eu nunca tive relações de amizade, e apenas conhecia de vista, e de reputação; mas sendo conhecido da pessoa, que estava commigo, nos pozemos á meza e tomámos juntos café e alguns licores.»

«Fallou-se de diffrentes cousas e eu observei que elle fallava de uma maneira pouco conveniente contra o governo e contra El-Rei; e sobretudo a hum logar publico e em presença de pessoas que elle apenas conhecia; e attribui esta leneza aos copos de licôr que elle repetia com excesso. Houve na companhia alguem que o reprehendeu da sua imprudencia, ao que elle respondeu que o que tinha dito era de pouca monta, que já se ia aproximando o tempo de fallar livremente, e que elle nas convidava para o acompanhar a uma casa do seu conhecimento onde nos communicaria uma cousa que havia de fazer a todos grande prazer.»

«Com effeito saimos do café e fomos com elle á tal casa (que julgo desnecessario indicar) e ali tirou elle hum papel da algibeira o qual leu. Era este papel huma preclamação violenta, convidando todos os portuguezes á revolta, e cheio de improperios contra á pessoa d'El-Rei, contra o Marechal General, e emfim contra todos os empregados publicos; e acabada a leitura da tal proclamação, perguntando-me como achava, respondi-lhe estas formaes palavras:—*é quanto basta para o enforcarem e a nós todos*—depois de mais algumas palavras sobre o mesmo objecto, e de nos ter assegurado que não havia que temer, porque a maior parte dos grandes de Portugal e dos officiaes superiores estavam todos de accordo para mudarem o governo, retiramo-nos todos e eu, com bastante pezar de me ter achado em tal companhia, mas dando pouca consequencia ao que tinha ouvido, tanto mais que o tal Cabral passava por huma cabeça esquentada, e eu não podia suppor que, se existisse realmente huma conspiração na qual entrassem as pessoas que elle tinha nomeado, o tivessem mettido a elle na confidencia.»

«Encontrei-me com o capitão José d'Andrade Corvo de Camões, com o qual fui sempre intimo amigo, e fallando-me elle sobre alguns pasquins que tinham apparecido contra o Marechal, que isso não era nada em compensação do que eu tinha ouvido, e tanto em razão da amizade que existia entre nós, como de não me ser pedido segredo sobre o que se tinha dito nem sobre proclamação, lhe contei tudo o que se tinha pas-

sado. Accuze-me quem quizer de indiscreto, mas esta é a verdade.»

«No dia seguinte veio Corvo procurar-me mui assustado, dizendo-me que o Marechal estava sciente do que se tinha passado e queria huma copia da proclamação para mandal-a a El-Rei, para fazer vêr a Sua Magestade o estado em que se achava o reino e supplicar-lhe que accudisse com algum remedio prompto, e que quando absolutamente se não podesse obter a proclamação, ao menos que a tornasse a vêr para mais ao certo saber o que ella continha, não havendo até então nenhuma certeza de uma conspiração formal. Respondi que eu não tinha amizade com o tal Cabral, e por conseguinte que elle não m'a daria (e muito mais, que quando m'a leu, querendo-a vêr na minha mão, depois elle m'a não quiz dar) mas que o bacharel João de Sá Pereira, da villa de Santarem, era da mesma terra e conhecido de Cabral, e por isso eu pensava ser a unica pessoa que podia fazer alguma cousa n'isto.»

«Fomos juntos em busca do bacharel Sá, ao qual, dando as mesmas razões, elle se decidiu a ir procurar Cabral, que encontrou perto da noite em a praça do Rocio, indo nós esperar por elle defronte do Tijolo na rua do Arco de Bandeira. Passadas mais de tres horas, voltou João de Sá, e, no maior espanto e susto, nos disse que Cabral lhe havia negado a proclamação, dizendo-lhe que se a queria vêr entrasse em huma conjuração que estava a rebentar por momentos, e nomeando-lhe pessoas da maior consideração, que dizia

estarem ajuramentadas; o primeiro passo era o assassinato do Marechal General e de outras authoridades que nomeou, desenthronisar El-Rei que encheu de improperios, e mil coisas todas de esta natureza, pedindo logo ao dito Sá que me convidasse a mim, pois seria de uma grande utilidade na provincia para onde ia, pois em Lisboa nada faltava. O bacharel Sá me disse que não só se tinha escusado a similhante coisa, mas que até estava tremendo, porque, se aquillo se descobrisse, e conhecessem estavamos ao facto, pela lei nós eramos enforcados; que aquillo por força havia de ser horroroso, porque o tal cabral era o homem mais depravado que elle conhecia.»

«No dia seguinte tornando o bacharel a encontrar Cabral, este lhe deu a proclamação e, não a podendo copiar, lhe tirou um extracto que entregou a Corvo para este dar ao Marechal; n'este mesmo dia recebi uma ordem para ir á sua presença, e hum officio de Corvo remettendo-me a copia da ordem que elle havia recebido para assim o fazer, escripta pelo proprio punho do Marechal, e como V. m. bem póde imaginar não apanhei pequeno susto, não só pelo que se tinha passado mas tambem porque se tinha acabado a minha licença de estar em Lisboa, e justamente me dispunha para partir para o meu destino. Apresentei-me em casa do Marechal na noite de 20 de abril, e mais o bacharel Sá, que havia recebido egual ordem, veio o Marechal, e sem outra introducção nos fallou assim: —Eu sei que se trama huma conspiração horrivel contra o rei e contra a patria; e os senhores pódem sal-

var tudo, descobrindo este horrendo attentado, e n'isto farão o maior dos serviços ao soberano e á nação, — e dirigindo-se ao bacharel, começou a presuadil-o que elle devia prestar-se a entrar no numero dos conspiradores, para vir no conhecimento de tudo que se tramava, e o estado em que se achava a conspiração, afim de se poderem tomar a tempo as medidas convenientes para impedir os seus progressos.»

«Sou obrigado a declarar em abono da verdade, que João de Sá mostrou a maior repugnancia em condescender com a vontade do Marechal, e não há sido senão depois de muitas replicas e instancias que elle por fim respondeu: *Que só se prestaria ao que S. Ex.ª desejava, se o capitão Pinto acceitasse a mesma missão.* Então começou o Marechal a persuadir-me e de tal modo que me convenceu de que eu, como bom vassallo, como bom patriota, como official, como homem de bem, não podia recusar-me a fazer hum serviço do qual dependia a salvação do throno e da patria; que salvava a minha honra, que me ordenava em nome de El-Rei, de me prestar a este serviço, ameaçando-me até de participar a Sua Magestade, se eu me recusava, o que confirmou por uma ordem escripta e assignada por elle. Confesso que não foram as suas ameaças que me convenceram de que eu me devia prestar a este serviço, mas as suas razões.»

«Eu não tenho outros conhecimentos senão aquelles proprios do meu estado; sou militar, e preso-me de ter nem todas as occasiões dado provas de que sou digno d'esta honra, como posso fazer constar pelas

attestações que tenho dos chefes que me tem commandado, e melhor ainda pelas cicatrizes que tenho no meu corpo, grangeadas em 19 combates e batalhas em defeza do meu Rei e da minha patria; nem conheço outro dever senão de lhes ser fiel e obedecer aos meus superiores. E, quando vi o Commandante em chefe do exercito, assegurar-me de todas as maneiras que o serviço do Rei e da patria exigia de mim um sacrificio, em que não perigava a minha honra, e posso tambem accrescentar o meu nome, julguei cumprir com o meu dever obedecendo. Julgue-me quem quizer e da maneira que quizer:—esta é toda a verdade.»

«Não obstante esta minha resolução, fallei francamente ao Marechal, e puz como condicção absoluta que não serião de nenhum modo compromettidas as pessoas que por meu respeito se associassem á dita conspiração, assim m'o prometteu, cumpriu a sua palavra como adiante mostrarei.»

«Devo notar de passagem, que outros officiaes de reconhecida honra se prestaram ao mesmo; mas como elles tiverão a fortuna de escapar á censura, não é minha intenção descobri-los, nem mesmo crimina-los, porque estou convencido, que elles obrarão como eu, capacitados de que fazião, hum serviço eminente á sua Patria e ao seu Rei; e só me atreveria a pol-os em evidencia, se elles, para melhor se precatarem, procurassem recriminar-me a mim, o que não seria cousa nova.»

«Passei pois a executar as ordens do Marechal; e

como o seu principal fim era haver todos os documentos, como proclamações, instrucções, e outros papeis por onde constasse a existencia e objecto da conspiração, para, conforme a sua natureza e caracter obrar como melhor conviesse, para o bem da Patria e do Rei, e estes papeis não se podendo alcançar sem fazer parte dos conspiradores, o bacharel João de Sá, que conhecia Cabral, conveio com elle no dia em que deviamos ser admittidos no numero dos conjurados. Indicou Cabral o dia dando-nos *rendez-vous* na praça do Rocio ás 10 horas da noite.»

«Acompanhamol-o até chegar ao logar assignalado, onde chegámos pouco mais ou menos ás 11 horas; não pude reconhecer positivamente a casa porque a noite era muito escura, mas sei que era perto de Rilhafolles, e, como ao depois se descobrio, a propria habitação do alferes José Ribeiro Pinto.»

«Devo notar uma particularidade que me fez fazer algum reparo, e que nunca pude saber qual era a sua significação: a cousa de 20 passos de distancia da casa onde deviamos ser recebidos, Cabral sacou da algibeira um grande masso de papeis e os metteu em um cano rente do muro. Mandou-nos pôr na distancia de vinte passos hum do outro, fallou a hum homem de capote, e batendo certas paucadas no chapeu, fallou a hum homem, que chegou a huma janella d'um andar, e disse-nos que o seguissemos, e que se atravessasse a rua, fossemos atraz d'elle e entrassemos onde elle entrasse; assim o fez, e entrando todos tres, vendou-nos os olhos, e pegou-nos pelos pulsos, e ordenou-nos

que se elle apertasse dissessse-mos *Deus vos Guarde:* fez-nos subir varias escadas, e batendo tres pancadas em huma porta, abriu-se esta; fallou em segredo com o que l'ha abriu, e disse em voz alta: «*enganámo-nos, estamos enganados;*» eu temendo não fosse alguma traição, desvendei immediatamente os olhos, e vi hum homem, que no Passeio Publico me havia sido apresentado por Cabral, que era o Campello, e outro que não conheci, e todos affirmarão que tinha havido grande novidade que ignoravão, e que não podiamos ser recebidos. N'esta mesma noite nos apresentarão como conjurados, Pinto, alferes do n.º 4 de Infanteria, Campello, e o major Neves, d'Atiradores, e nos derão mil satisfações do que nos havia acontecido, e nos disserão que nossa recepção seria presidida por huma *authoridade*, e que até nos dispensarião de algumas formalidades, exagerando o numero e qualidade dos individuos, e a força da conspiração. Na manhã de 8 (maio) se dirigiu Cabral a minha casa, e mostrou-me o plano da conspiração (que não sei se a policia o apanhou) e confesso que estremeci, e me horrorisei ao vêr tantos assassinatos e desordem premeditados; e desde aquelle momento não tive tanta repugnancia a entrar por salvar a minha patria de tão horrorosas scenas.»

«Fallou-me tambem n'esse dia Cabral, do jantar do coronel Monteiro, Neves, major de Atiradores, barão d'Eben, hum americano inglez, e o general hespanhol Cabanas, que me disse, se achava disfarçado em Lisboa, e que devia partir immediatamente para Hespa-

nha, o que se effectuou, e que entretinha a correspondencia dos conspiradores hespanhoes comnosco, affirmando deverem rebentar as conspirações em o mesmo dia, em ambas as nações, o que os outros depois me confirmarão. Este jantar teve logar na casa de pasto, denominada *Leão d'Ouro;* passaram-se mais algumas particularidades, e eu no dia 9, de madrugada me dirigi a casa do Marechal, e no seu proprio quarto de cama lhe declarei tudo o que se havia passado.»

«No dia 10 á noite fomos finalmente conduzidos pelo mesmo Cabral (que até então nos tinha demorado com o pretexto de que huma grande personagem deveria presidir á nossa recepção) á rua de S. Bento n.º 51, onde feitas as mesmas cerimonias, que da primeira vez, e que já mencionei, fomos introduzidos n'uma pequena sala, e desvendados os olhos, vimos sobre huma meza huma só luz cercada d'um papel pardo, para fazer o quarto mais escuro, estavão presentes o alferes Pinto de n.º 16, presidente, o alferes Pinto de n.º 4, o Cabral que nos servia de padrinho, e outro sujeito que não conhecia, e que nos disseram ser o morador da dita casa, que depois soube era o sargento de brigada da infanteria, Henrique, retirado do serviço.»

«Depois de nos terem dado huma desculpa por não se acharem presentes os personagens que Cabral nos tinha dito, e de nos dizerem que nos dispensavam de todas as formalidades; o alferes Pinto do n.º 16, nos fez hum discurso, no qual desenvolveu o estado de

decadencia em que se achava Portugal, e quanto importava a todos derribarem um governo tão injusto, para salvar a patria. Respondi-lhe que estavamos pronptos para fazer tudo quanto podesse promover o bem da nação; mas observei-lhe ao mesmo tempo, que temia que por meio d'uma conspiração não ficassemos em peior estado, visto que eramos pequenos, e que a nossa existencia dependia, por assim dizer, das potencias estrangeiras; respondeu-me que tudo estava calculado; que esta conspiração era de accordo com os liberaes hespanhoes, que o general Cabanas se achava em Lisboa por parte d'elles, e que obrava de accordo com o *Supremo Conselho Regenerador;* que devia submetter-me segamente ás ordens do *Supremo Conselho Regenerador* e confiar na sua prudencia e sabedoria. Alem de que, accrescentou elle, eu seria apresentado brevemente a Gomes Freire, e que elle descobriria todo o plano; que por ora o que se exigia de mim era que me encarregasse de *plenos poderes*, para revolucionar os officiaes, e outras pessoas na provincia da Beira Alta, principalmente o brigadeiro Luiz Maria de Sousa Vahia, de quem eu era ajudante d'ordens, perparando-me a partir quanto antes.»

«Apresentou-me duas meias folhas de papel, nas quaes estavam escriptos os juramentos em duplicata que assignei, e o mesmo fez o bacharel João de Sá. Depois d'isto nos retiramos tendo convencionado de nos avistar-nos dentro de poucos dias, para hirmos ao *Supremo Conselho Regenerador* onde me deveriam ser

entregues as Credenciaes, e instrucções, munido das quaes eu deveria partir para o meu destino.»

«No dia 11 fomos convidados para assistir a huma recepção que se devia fazer ás Chagas, mas que se não effectuou; e me derão quatorze pergaminhos para fazer tarjas, que devião ser para credencias. No dia 13 lhes levei dois promptos, e me derão huma cifra, a qual entreguei ao Marechal, e tambem se não effectuou a dita recepção n'este dia; e me disserão que eu deveria marchar infallivelmente na sexta feira, e que na quinta receberia em casa do architecto, Francisco Antonio de Souza, da mão de *Gomes Freire*, todos os papeis para a minha commissão; não se effectuou n'este dia 15, e promettendo-me ser no dia 16, que tambem se não effectuou, dizendo-me que no dia 18, hiria ás Pedreiras de Alcantara, devendo levar *fosforos e duas velas de cera*, e que ali em huma *caverna*, receberia tudo das mãos de *Gomes Freire;* e tambem n'este dia se não effectuou; e me disserão que *Gomes Freire* não podia hir, que de huma commissão receberia tudo em casa do architecto Francisco Antonio de Souza, na rua da Fabrica da Seda, ao pé do largo do Rato, o que tambem não teve logar n'este dia 18, e n'esta noite fomos ao Marechal relatar-lhe o acontecido, João de Sá lhe mostrou a grande proclamação que nos havia sido lida por Cabral, e o Marechal lhe tornou a entregar. Com effeito no dia 19 á noite, hindo-me encontrar com o alferes Pinto do n.º 16, á loja de bebidas do largo do Rato, este me conduziu a casa do dito architecto, que me recebeu na sua

livraria, aonde estavão presentes o coronel Monteiro, como presidente, o architecto como orador, e o major Neves de Atiradores, que tinha ficado de hir, não appareceu. O meu conductor tirou da algibeira huma parte dos papeis, de que me munirão, e os entregou ao presidente, que tirou o resto da sua e recebi da sua mão os papeis seguintes: — trinta e tantas proclamações impressas (que eram os papeis que trouxe o meu conductor, em differentes massos com letreiros por fóra: *para a Guarda, para Vizeu, para Trancoso*, etc.) e o orador me fez huma oração bastante energica, persuadindo-me á revolta e querendo desvanecer os sentimentos de fidelidade a El-Rei, e os meus primeiros juramentos; d'aqui marchei logo ao pateo do Saldanha, onde cheguei pela huma hora da noite, a casa do Visconde Jerumenha, onde se achava o capitão Corvo e o Marechal, entreguei tudo a este, e no mesmo momento tiramos copias para enviar a El-Rei, pelo dito visconde que estava proximo a partir para o Rio de Janeiro, e eu parti no outro dia 20, para Santarem, onde Cabral tambem devia chegar, para fazer proselytos. Antes porem de partir, lembrando-me de que as instigações de Cabral poderiam resolver alguns officiaes a entrarem na conspiração e compromettel-os, alcancei do Marechal a ordem para poder authorisar alguns d'entre elles, afim de prevenir esta desgraça. Nunca sollicitei ninguem para entrar na conspiração, nem assisti senão á persuazão de Christovam da Costa, alferes de n.º 10 de cavallaria, o qual só se resolveu a dizer que sim por Cabral o persuadir deante de mim

que eu tambem fazia parte dos conspiradores, e dizendo-me elle mesmo que essa condescendencia era derivada á minha pessoa, julguei do meu dever salval-o, quando descoberta a conspiração elle foi preso e devia ser punido como os demais.»

«São bem notorias as diligencias que fiz para o salvar, fazendo lembrar ao Marechal a palavra que me tinha dado, de que ninguem soffreria por minha causa, e expondo a S. Ex.ª a minha firme resolução de me hir eu mesmo offerecer á Justiça e declarar que era eu quem devia ser punido em logar d'elle. O Marechal desempenhou a sua palavra, tomando medidas efficazes, em consequencia das quais o dito Christovam foi posto em liberdade. Quanto ás instrucções e mais papeis que tinha recebido os entreguei, depois de presos os reus, o que teve logar na minha ausencia; bem entendido que não distribui nenhuma proclamação, nem me conformei com nenhuma das instrucções que tinha recebido, porque nunca ha sido minha intenção comprometter ninguem, e se taes tivessem sido os meus desejos teria teria compromettido muita gente.»

«Os conjurados que foram presos, exceptuando o alferes Pinto do n.º 16, que foi depois em Guimarães o que deu um tiro em si mesmo de que ficou gravemente ferido, e o unico que mostrou caracter n'esta circustancia, não tardarão em descobrir os cumplices, e por consequencia eu tambem fui descoberto, e declarado como tal, e deu-se ordem para me prenderem em Trancoso, onde então me achava, e recebi ordem

do Marechal para vir a Lisboa, onde cheguei em 18 de junho vinte e quatro dias depois da prisão dos conjurados e então entreguei ao Marechal todos os papeis originaes que tinha recebido, os quaes o mesmo Marechal me ordenou, no dia 21 de junho, fosse entregar ao Intendente da Policia, o que executei no dia 22.»

«Fiquei então em Lisboa com licença. Fui citado pelo Intendente da policia para aparecer como testemunha. Não me lembro ao justo do dia em que fiz o meu depoimento, mas estou certo que nos primeiros dias do mez de julho.»

«O meu depoimento deve constar do processo. Elle consiste pouco mais ou menos na mesma exposição que agora faço. Devo porem notar que querendo eu fazer constar que tinha sido implicado n'este negocio por ordem superior, e apresentando esta ordem, e desejando que ella fosse mencionada no dito processo não o pude obter. Tem-se-me arguido de ter deposto contra *Gomes Freire*, denunciando-o como conspirador e ha sido justamente esta arguição o que tem feito o meu caso mais odioso; porem nada ha mais falso, porque, perguntado sobre este particular respondi que nunca tinha visto nem fallado com *Gomes Freire*, nem tinha motivo algum para presumir que elle fosse um dos conspiradores, senão o que tinha ouvido dizer a Cabral.»

«Eis a verdade de tudo e a parte que tive n'este tragico acontecimento. Mas, quanto a simples verdade, d'isto que tenho relatado, se acha distante das male-

volas e calumniosas asserções que contra mim tem espalhado meus crueis inimigos, para manchar a minha honra e denegrir o meu nome e reputação! Tem-se espalhado e acreditado em publico os boatos mais falsos e absurdos que se possam imaginar! Huns dizem que eu me deixara envolver n'esta conspiração movido unicamente pelo vil interesse de obter huma recompensa; e não ha cousa mais facil do que provar o contrario. Já se acha provado de facto; porque he constante, que antes d'este acontecimento já eu era capitão, e capitão estou ainda hoje, tendo-se passado quatro annos e mais.»

«Se alguem pode persuadir-se que uma capella de que Sua Magestade foi servido conceder-me, consideran-do outros serviços que lhe fiz e á patria, como consta da certidão inclusa a qual rogo a V. m. queira publicar, para que conste que eu não careço de allegar outros serviços, para merecer huma recompensa, senão aquelles que á custa do meu sangue, lealdade e zelo, com que defendi o meu Rei e a minha patria tenho direito a exigir d'ella, e n'essa conta tenho a pensão que Sua Magestade há pouco me concedeu, ainda que a não tenho colizado.»

«O certo he, que eu não pesso nem nunca pedirei recompensa pelo grande serviço que fiz em cumprir as ordens que recebi, e que executei sem estipulação de interesse, descobrindo e fazendo cessar huma conspiração, que se tivera hido ávante, tivera ensanguentado a patria e attrahido sobre ella todo o genero de desgraças; nem até aqui tenho tirado outro proveito,

senão ver-me privado da minha familia e manchada com calumnias e invectivas a minha honra, e a pureza das minhas intenções.»

«Por conclusão, o que me determinou a cumprir as ordens que recebi do Marechal, ha sido a intima persuasão de que n'isso não perigava a minha honra, antes me seria deshonroso deixar de obedecer ás ordens dos meus chefes e recusar o sacrificio da minha vida e de tudo que me he caro, quando assim o exigir o bem da patria. Estou tão firme n'estes principios que ainda mesmo, apesar dos incommodos, que tenho soffrido, estou firmemente disposto a obrar da mesma maneira todas as vezes que me fôr ordenado, para sustentar os direitos do meu Soberano, e o governo do meu paiz. Eeis os meus sentimentos, e as minhas acções, julgue-me a nação e o governo, mas julgue-me sobre a verdade e não sobre calumnias inventadas por meus inimigos.»

Tenho a honra de ser, etc.

Pedro Pinto de Moraes Sarmento.

*

* *

Em este documento, assignado por um dos homens apontados como denunciantes do general Gomes Freire de Andrade, se demonstra o modo tumultuoso, traiçoeiro e vingativo do processo-crime, com que o seu

rival Beresford conseguiu assassinal o, em publico, do modo mais ignominioso e mais cobarde.

Mas ha mais. A questão era puramente pessoal entre Gomes Freire e o Beresford.

William Carr Beresford, por esta odiosa intriga, livrava-se de um rival que, n'um futuro mais ou menos proximo, o esmagaria, e por isso demonstrou, em todo o denominado *julgamento* da conspiração de 1817, um caracter e uma vileza de tal ordem que só um inglez os podia comportar.

Beresford na questão Gomes Freire não foi um chefe militar que, respeitador e mantenador da disciplina do exercito, tivesse de reprimir qualquer movimento collectivo que a puzesse em cheque. Tambem não foi um juiz.

O marquez de Campo Maior, Beresford, não foi pois como juiz, nem como chefe superior do exercito, que prendeu e infamou um tenente general do exercito portuguez. Foi como inglez. Era o odio, a inveja, o rancor contra Gomes Freire porque este o despresava, e Beresford não podia perdoar as indifferenças do general, sentindo vagamente que mais dia menos dia, Gomes Freire seria o chefe nacional, prestigioso, do nosso exercito que o inglez já tinha empolgado, e porque viria a alcançar um verdadeiro predominio, mesmo no povo, pois já a este se lhe impunha a bravura, essa energia e rapidez de resoluções que só tinham os soldados que haviam servido nas fileiras dos filhos da Revolução.

Beresford considerava o nosso paiz como uma de-

pendencia do governo inglez. E pela mente passava-lhe a tentadora visão de um Protectorado, de que elle seria o chefe supremo, com o nome de *Guilherme I*...

E porque não?

Benardotti não foi rei da Suecia e Noruega?

E o general Soult, duque da Dalmacia não o esteve para ser dos Luzitanos?

A regencia do reino não era composta de patriotas e quando menos se esperasse um pequeno golpe de estado, entregaria o poder por completo nas mãos de Guilherme Beresford.

Brio nacional! Mas ninguem chamava *inglez* ao marquez de Campo Maior e conde de Trancoso...

Na carta que publicámos se mostra o respeito, quasi adoração, dos officiaes portuguezes pelo cruel disciplinador de Albuera e Fuentes de Oñoro.

Carr Beresford era—o Marechal, o Commandante em chefe do exercito!—não era um inglez, nem um estrangeiro. Assim o pensavam n'aquelle tempo os officiaes portuguezes! O proprio major Moraes Sarmento lá diz na sua carta:

«... quando vi o commandante em chefe do exercito assegurar-me de todas as maneiras que o serviço do rei e da patria» (a Inglaterra?) «exigia de mim um sacrificio, em que não perigava a minha honra e posso tambem accrescentar o meu nome, julguei cumprir com o meu dever obdecendo. Julgue-me quem quizer e da maneira que quizer...»

Por isso se vê que no exercito ninguem se lembrava que Beresford era um inglez. E' claro que quando elle fallava na Patria pensava na Inglaterra.

Os officiaes superiores do exercito eram quasi todos inglezes; e, dos officiaes nossos, não havia um que possuisse as tradicções da valentia e intelligencia do tenente general Gomes Freire de Andrade, por isso Carr Beresford logo viu n'elle o unico homem capaz de, n'um só golpe, destruir todos os seus secretos planos em favor de uma situação que nos devia ligar para sempre ao poder da Grã Bretanha.

Não foi ao principio facil a execução do plano de Beresford porque a vida de Gomes Freire, tanto particularmente como general, era irreprehensivel.

N'este tempo, e sob o regimen do absolutismo, considerava-se em muito a auctoridade do soberano, mas o rei estava na America, e era o senhor D. João VI de quem Pinheiro Chagas diz na *Historia de Portugal:*

«Tratou de pôr a salvo a sua pessoa e bens, e isso lhe bastava. Partiu deixando o reino entregue a si mesmo; o reino, depois de rudes provações, por si mesmo tratou da sua salvação, e quando o monarcha absoluto regressou do seu doirado exilio do Rio de Janeiro, para a terra do seu berço, encontrou de pé, a pedir-lhe, com energia, garantias para os seus direitos e a suas liberdades, uma entidade que elle não conhecia, ou que nunca vira senão como turba ajoelhada a seus pés, comparseria tumultuosa do theatro politico — o Povo!...»

*
* *

Gomes Freire, já pela sua intelligencia, já pelo conhecimento que tinha dos negocios politicos, era incapaz de se pôr á frente de uma conspiração tão estupida como aquella que nos descreve o major Pedro Pinto de Moraes Sarmento.

Pois não se vê ali, n'aquella funebre carta,—porque é um documento que descobre por demais a crueldade dos que preparavam, o frio, o *guet-apens* em que devia cahir Gomes Freire—não se vêem ali as dezenas de vezes em que um desgraçado, Cabral Calheiros Furtado e Lemos, procura apresentar o major Moraes Sarmento ao general Gomes Freire, sem que este nunca possa ser encontrado! Que chefe militar, que triste patriota! que receava ser visto por um seu inferior no sagrado empenho de salvar a Patria do jugo estrangeiro?!...

E houve alguma vez no brioso e valente Gomes Freire, receios?!...

É preciso não fazer á memoria de Gomes Freire a injuria de que elle dirigisse aquella soez e desorientada conspiração.

Pois Gomes Freire era o chefe de uma conspiração que tinha por fim derribar o regimen absoluto e expulsar do exercito os officiaes inglezes, e nunca foi visto nem ouvido por nenhum dos filiados, nem se encontra um papel que o comprometta!

No julgamento, onde melhor se deviam apurar as

responsabilidades do chamado chefe da conspiração, Gomes Freire, não se encontra uma unica acareação de testemunhas ou cumplices com o general! Elle esteve sempre no segredo, e nunca soube o que as testemunhas tinham deposto pró ou contra elle!!!...

Não se póde admittir que o brilhante auctor da *Reorganisação do exercito portuguez* dirigisse uma revolta tão ineptamente.

Não apparece entre aquelles inglezes que estiveram nas reuniões presenceadas pelo major Moraes Sarmento, um homem de prestigio, um militar de nome! O proprio Antonio Cabral Calheiros, que na historia apparece como aliciador de conjurados, requer n'um documento que temos á vista, datado de 28 de maio de 1816, ao coronel de infanteria n.º 10, Donald MacNeil (outro inglez!) que o leve á presença de Beresford para fazer importantes denuncias.

Na denuncia escripta e assignada por este Cabral Calheiros, affirma elle que existe uma *Sociedade de reforma de governo* composta dos seguintes membros: Gomes Freire, Barão Eben, D. Nuno Alvares Pereira, Marquez de Ponte de Lima, brigadeiro José de Vasconcellos, e o conde de Peniche filho, capitão de cavallaria.

No marquez de Ponte de Lima, D. Nuno Alvares Pereira, e conde de Peniche, nem se falla no processo. Como é que só foi considerado conspirador Gomes Freire ao qual nenhum dos chamados cumplices sequer viram uma vez! O proprio sr. Pinheiro Chagas que acredita na conspiração dirigida por Gomes Freire,

diz que a unica prova que apparece a respeito do barão d'Eben não tem valor! Com respeito a provas affirmativas da cumplicidade do general Gomes Freire nada se nos depara. E a sanha contra elle, dos que se diziam seus amigos era tal, que ficou bem evidenciada no seguinte periodo de uma carta do governador do reino D. Miguel Pereira Forjaz, depois conde da Feira:

«Hé verdade que a execução se prolongará pela noite mas *felizmente* ha luar...»

Isto escrevia D. Miguel Forjaz em 18 de outubro de 1817 em resposta a uma carta do Intendente geral da policia, João de Mattos Barbosa de Magalhães, em que lhe fazia ver o inconveniente da execução de um tão grande numero de suppliciados no mesmo dia.

Felizmente ha luar! quer dizer — Podem matar essa gente á vontade que não faltará luz! Acabemos depressa com todos que pódem evitar a subida ao throno do inglez Guilherme I...

A conspiração existia; mas na lista dos conspiradores, entregue por Cabral Calheiros que aliciava gente para ella, vem o nome do brigadeiro José de Vasconcellos, e era este mesmo brigadeiro que commandava as tropas que rodeavam o cadafalso do Campo de Sant'Anna, no dia que precedeu a tal noite em que *felizmente havia luar*, para satisfazer a vilissima vingança do inglez Beresford.

A conspiração existia; mas foi necessaria inventar a razão da sua existencia, e para isso Carr Beresford

insinuava, em 10 de junho de 1817 a D. Miguel Forjaz, o questionario que devia ser apresentado ás pessoas não implicadas na sedição, que quizessem depôr *em segredo!!* E com este fim se avivavam as ruins paixões de todos que odiavam o espirito superior, a figura brilhante de Gomes Freire!

A 10 de junho de 1817 enviava Wiliam Carr Beresford a D. Miguel Forjaz o infame questionario composto de onze perguntas, sendo a ultima a seguinte: —*Se tendes ouvido fallar ou dár sua opinião*, (de Gomes Freire) *e desenvolver seus sentimentos, sobre o governo monarchico, ou republicano; ou fazer comparação entre elles?*

O inglez punha Gomes Freire no Calvario e chamava todos os judeus, esses vis que odeiam e invejam tudo quanto é digno e de valor incontestavel, a virem cravar a lança do seu odio no martyr que a Inglaterra crucificava pelo crime de desprezar o inglez e amar a Patria!

E para isso lá estava o questionario, sem trazer responsabilidade alguma a quem respondesse a elle — porque era feito em segredo! — lá estava o questionario, como meio infallivel de calumniar a salvo a victima que se desejava abater, lá estava o querido questionario de Beresford que havia de provar que a conspiração existia e que o general Gomes Freire era o seu principal director.

A conspiração existia; e não apparece filiado n'ella, nem por denuncia de Moraes Sarmento, o homem de Beresford, nem pela de Cabral Calheiros, um só dos

amigos do general, como: Francisco Zacarias d'Araujo, conde de Bobadella ou Ayres de Saldanha!

Com razão pensava Gomes Freire de Andrade que devia ser odiado por Beresford, e a prova é que estando elle, em 1814, em Grenoble (França), só em 1816 apparece em Tondella na provincia da Beira onde viveu como que escondido em casa do conde de Bobedella. E tinha razão. Não tardou muito que o leopardo lhe ferrasse as garras. E não faltaram hienas do paiz que se cevassem no cadaver do martyr.

Vae terminar o livro, e crêmos ter demonstrado que não houve prova para processar o general Gomes Freire de Andrade, e bem assim todos os denunciados na lista de Cabral Calheiros.

De tal lista apenas figuram condemnados o barão Eben e o general.

Concernente ao barão Eben, tão conhecido na nossa historia da guerra peninsular, quer pelas obras do general Claudio Chaby, ou dos conselheiros Luz Soriano e Pinheiro Chagas, apenas encontramos d'este ultimo historiador, o seguinte, e fica a questão no seu verdadeiro terreno: — «O barão Eben negou sempre que «*essa carta* fosse sua e teimou que a assignatura que «figurava n'esse papel era falsificada. Ora effectiva«mente, ha n'esse documento uma affectação tão visi«vel de imitar na má orthographia, a má pronuncia «do estrangeiro, que mais parece o esforço de um «imitador do que outra cousa.»

Ora *essa carta* é um documento que tivemos em

mão, no tempo em que faziamos as nossas investigações no archivo da Torre do Tombo.

Não ha duvida.

É profundamente verdadeiro o que diz o sr. Pinheiro Chagas.

N'esse documento, Eben, ou quem *beresfordmente* pelo barão Eben o escreveu, queixava-se da falta de consideração devida aos officiaes que *não eram inglezes*, e, confessava o signatario, ser uma victima *como todos* os que se achavam revoltados contra a tyrannia de Carr Beresford.

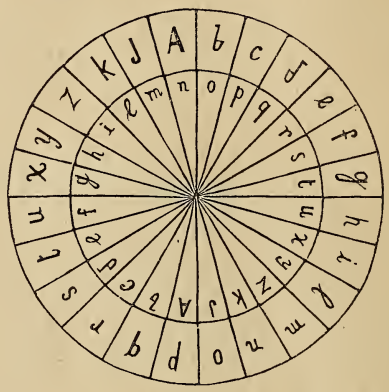
Pois apesar da existencia d'este documento, embora falso, embora calumnioso, o barão apenas foi mandado, simplesmente, sahir do reino.

Com respeito a Gomes Freire não apparece um unico documento, ou mesmo uma carta do jaez da attribuida ao barão Eben. Não apparece nada! E Gomes Freire, o nosso inolvidavel martyr do morticinio de 1817, é condemnado á morte como chefe de uma conspiração de que elle não tinha conhecimento!!...

No celebre pamphleto publicado em Londres em maio de 1821 por ordem e a expensas do bolsinho de Beresford, até se chegou ao arrojo de se dar impressa a *cifra* de que se serviam os terriveis conspiradores. Este *documento* foi considerado tão importante pelos accusadores de Gomes Freire que o libello se emancipou d'elle, por isso que nem a tal papel se refere.

Emfim, por descargo de consciencia, e como mera curiosidade historica, trasladamos do acreditado periodico illustrado *O Occidente* a tal cifra. Este difficilimo

enigma consistia apenas em desprezar a consoante — V — e collocar no fim do abecedario as consoantes — K — e — J —. Em dois circulos concentricos distribuia-se o alphabeto assim amputado, tomando-se como base ou ponto de partida a correspondencia do *A* sobre o *n*, como na figura seguinte:



Perante este documento demonstrativo da intelligencia dos *conspiradores* é licito confessar que seria o maior insulto infligido á memoria de Gomes Freire, pensar que o brilhante commensal dos palacios de S. Petersburgo, Versailles e Vienna d'Austria, elle, o severo auctor do *Essai sur la manière d'organiser l'armée en Portugal*, o heroe de Otchakov e Ismail, o bravo de 1793, o patriota de 1801, o cavalleiro de Smolensko, empregasse o seu talento na construcção de tal meio de correspondencia!...

E' preciso odiar Gomes Freire de Andrade para acreditar em uma deformidade de esta ordem.

*

* *

Era tal a impaciencia dos inglezados que — em tres dias! — foram presos e conduzidos de surpreza aos carceres, Gomes Freire de Andrade, Manoel Monteiro de Carvalho, José Francisco das Neves, José Ribeiro Pinto, Antonio Cabral Calheiros Furtado e Lemos, Henrique José Garcia de Moraes, José Campello de Miranda, José Pinto da Silva, Manoel de Jesus Monteiro, Manoel Ignacio de Figueiredo, Maximo Dias Ribeiro, Pedro Ricardo de Figueiró, Francisco Antonio de Souza, Antonio Pinto da Fonseca Neves, Francisco de Paula Leite e o barão Frederico Eben.

Os presos foram, uns para o Limoeiro, outros para o Castello de S. Jorge.

Só o general Gomes Freire de Andrade é que seguio, secretamente, para a Torre de S. Julião da Barra.

Este processo dos suspeitos de conspiração foi um cumulo de irregularidades e infracção das leis do paiz!

Vamos demonstrar:

— O intendente geral de policia, Barbosa de Magalhães, com os seus dois ajudantes, Casal Ribeiro e João Gaudencio, foi quem procedeu ao celebre interrogatorio.

Logo que se achou concluido o pseudo-processo foi

este entregue pela regencia do reino aos juizes por ella nomeados; eram elles: Antonio José Guião, Gomes Ribeiro, dr. Vellasques, Leite Araujo, Ribeiro Saraiva.

O paiz do *ámanhã*, a terra da morosidade, achava-se tão á ingleza, que, tomando por flammula a devisa «*time is money*,» despachou tudo em dez dias!!...

Em *dez dias* estava tudo prompto!!! Podia começar o morticinio!

Houve uma tal actividade nos homens de justiça á *ingleza*, que a sentença foi cumprida dois dias antes de publicada!

O processo dos martyres da Patria foi de tal modo tumultuario, que independente da sanguinaria monstruosidade que a elle presidira, estava nullo por sua natureza.

Os *reus* não poderam escolher advogado. Não lhes foi concedido!

Os juizes que deram a sentença condemnatoria, foram os mesmos que repelliram os primeiros embargos!

Tiveram deferimento os segundos embargos! Mas querem saber para quê?...

Para a sentença encontrar pretexto afim de ser mais infamante. As condemnações a pena ultima que ordenavam a execução pelo garrote, passaram a ser de fôrca!!

*
* *

Na execução dos martyres da Patria, realisada no Campo de Sant'Anna e na explanada de S. Julião, praticaram-se crueldades de tal ordem que só podiam ser movidas pelo estrangeiro, pelo *inglez*.

Começou a hecatombe ás 10 horas da manhã, de 18 de outubro de 1817, e as fogueiras que abrazavam os cadaveres dos martyres ainda ardiam ás 9 da noite d'esse horrendo dia!

Gomes Freire que fôra prezo e levado á torre de S. Julião em a noite de 25 de maio de 1817, de nada suspeita, achando levianos os amistosos avisos que recebera.

O benemerito homem de lettras, o general J. da Costa Cascaes affirmou, na *Revista Universal Lisbonense de 1844* que o libertador do territorio portuguez de 1801 estaria, em 1817, *por espaço de seis dias, sem luz, sem cama, sem alimento se o governador da torre o não sustentasse á sua custa.*

Gomes Freire, por uma ultima vingança filha do propositado rancôr contra a nacionalidade portugueza de que foi executor Pedro Duarte da Silva, esteve de pé, descalço, mais de uma hora olhando a fôrca, sobre as lages da explanada!... Eram nove horas da manhã de 18 de outubro (faz agora setenta e cinco annos) quando o carrasco satisfez William Carr Beresford!... D'este Pedro Duarte da Silva, honesto desembargador que pedio aos padres, assistentes ao supplicio de Go-

mes Freire, que levantassem a voz no seu cantico de morte para se não ouvir a do general quando fez declarações sobre o patibulo; — diz o distincto escriptor e illustre general Costa Cascaes: — «*mandou-se para a Torre afim de o espiar*» (Gomes Freire)... «*um desembargador por nome Pedro e por alcunha o cruel.*»

O general Gomes Freire dirigio um requerimento a el-rei D. João VI, por intermedio de *lord* Beresford, mas o Carr Beresford, o tal *marquez de Campo Maior*, entregou-o a D. Miguel Pereira Forjaz *amigo* de Gomes Freire!

*
* *

Pouco em Portugal se tem escripto a respeito de Gomes Freire. O general Costa Cascaes, porém, que é um dos nossos grandes homens de lettras, e, depois do fallecimento de Garrett, Alexandre Herculano, Rebello da Silva e Camillo Castello Branco — é — Costa Cascaes — uma verdadeira reliquia da nossa litteratura classica, prestou a Gomes Freire de Andrade a devida justiça.

Refere, o illustre e venerando escriptor, sobre Gomes Freire o seguinte: — ... era um general sabio, valente, cingido com os laureis de muitas batalhas; o portuguez que em meio das hostes de Napoleão, nunca soubera arrancar do chapeu o LAÇO NACIONAL; que jámais combatera CONTRA A PATRIA...»

Vamos fechar pois este modesto estudo historico com a opinião de Cascaes sobre a legalidade que pre-

sidio ao repugnante processo de Gomes Freire de Andrade.

«— Um corpo de delicto informe; perguntas arbitrarias, e apenas feitas por um juiz, na masmorra do prezo, só na presença do seu escrivão, eis os dados sobre que lhe formaram processo; eis ahi a base para pronunciar uma sentença de morte!»

. . . . . .

. . . . . .

Tres annos depois, das cinzas d'estes martyres, primeiro no Porto e depois na cidade de Lisboa, irrompia o clarão de 1820 que havia de, para sempre, aureolar a fronte nobilissima do tenente-general Gomes Freire de Andrade.

NOTAS EXPLICATIVAS

Nota referida á pagina 44

O pae de Gomes Freire de Andrade era, na data de 27 de janeiro de 1757, nosso embaixador em Vienna de Austria, chamava-se Ambrosio Freire de Andrade e Castro; era descendente da antiga casa dos condes de Trava *(Pereiras, Forjaz* e *Bobadellas)* e foi n'este mesmo dia 27 de janeiro que nasceu o nosso Gomes Freire de Andrade.

Pertence á familia de Gomes Freire o celebre chronista *Freire de Andrade* que nas guerras da nossa Restauração (1640) bastantemente se tornou notavel no Brazil (Maranhão) durante a guerra contra a occupação hispanhola n'aquella nossa colonia.

❋

Oczacof ou *Otchacov*, importante praça de guerra situada na Bessarabia, está na confluencia dos rios Bog e Dnieper, antes de se lançarem no mar Negro e

por isso era muito disputada pelos russos e turcos em 1788.

Paulo Potemkin foi o ministro de Catharina II da Russia, qne fez matar trinta mil tartaros, suspeitos de conspirar no *condemnavel* fim de dar a liberdade á sua patria!!

O cerco de Otchacov pelos russos, em que tomou parte como coronel da cavallaria imperial Gomes Freire, era auxiliado, pelo lado do mar, por meio de uma forte esquadra commandada por Paulo Jones, o mesmo almirante que Alexandre Dumas pae tornou tam conhecido pelo seu romance *O Capitão Paulo.*

Um notavel academico, Felner, referindo-se á tomada de Otchacov dá o seguinte trecho do combate: — «... rompem os machados as portas do forte de Has-«san Baxá; correm rios de sangue; e Gomes Freire, «á frente do seu batalhão, atira-se á brecha, e é dos «primeiros que entram na praça, onde abatido o es-«tandarte do crescente, faz tremular as aguias mosco-«vitas soltas ao vento da victoria...»

Já aqui, n'esta mesma praça de guerra, em 1788, Gomes Freire se revellou o mesmo heroe, o mesmo bravo, o combatente audacioso; como depois, em 1793 na Hispanha, 1801 em Portugal, 1809 na Allemanha, e em 1812 na Russia, sempre irrequieto, foi sempre um verdadeiro *leão das batálhas.*

Em virtude do seu valor na guerra do Roussillon (1703-1795) teve Gomes Freire a commenda de Santa Maria de Midões, quando já era proprietario da das *Herdades de Mendo Marques* que lhe tinha sido dada em 1781 e que fôra pertence do justiçado duque de Aveiro.

Quando os francezes entraram em Portugal em 1807, Gomes Freire, que fôra promovido a tenente general em 12 de outubro do mesmo anno, commandava uma divisão ao sul do Tejo.

O primeiro acto official do general francez Junot, que occupava o reino em vista das ordens dadas pelo principe regente D. João, foi reduzir os vinte e quatro corpos de infanteria portugueza a *seis*, e os doze de cavallaria a *tres*.

Denominou-se este exercito, *Legião Luzitana* e saiu de Portugal em abril de 1808.

Assim deixava o reino tudo que representava a flor do exercito portuguez. Entrada a *Legião Luzitana* em França fizeram-na partir logo para o imperio de Austria, seguindo depois para a Allemanha aquartelando-se no reino da Baviera.

Aberta a guerra do imperio francez com a Russia é ainda a *Legião*, portugueza, que toma Smolensko, bate-se em Moscow e no Berodino. O effectivo da *Legião* compunha-se de nove mil homens e quando reti-

rou, regressando a Portugal, ainda trazia setecentas e cincoenta praças!!...

A 26 de maio de 1815 apresentou-se o general Gomes Freire de Andrade no Quartel general da Côrte e provincia da Estremadura, e em virtude de aviso de *8 de junho de 1815* foi declarado innocente por ter marchado com fropas portuguezas, segundo a *ordem estabelecida*, para França, e mandou-se-lhe abonar todos os soldos a que tivesse direito.

Uma das pessoas, além de Francisco Zacharias d'Araujo, pae no do nosso amigo e distincto escriptor, Zacharias d'Aça, que avisou Gomes Freire em 1817 de haver contra elle mandado de prisão, foi o padre Manoel Mesquita, Dom Abbade do Mosteiro do mosteiro de Belem.

Na noite, vespera de ser enviado á Torre de S. Julião, de onde só sahiu para a fôrca, estivera Gomes Freire em casa do conde de Rio Maior.

Gomes Freire, já antes de entrar em Portugal, tinha o presentimento de que o esperava aqui desgraça... E de facto nunca foram muito felizes os dias que passou na sua Patria.

A carta que vamos publicar, documento quasi des-

conhecido, revella bem que elle não veio cá para conspirar, nem para alterar a ordem.

E' ella datada de Paris, em 2 de Janeiro de 1815, e respondendo a uma outra de seu primo Antonio de Souza Falcão, e contém o seguinte:

«O teu sermão, bem longe de me adormecer, des-«pertou-me! o que a estas horas já terás visto pela «minha carta de 20 de dezembro, n.º 8, em que te «digo que estou resolvido a voltar quanto antes a Lis-«boa, no caso que os senhores governadores queiram «ter a bondade de auctorisar algum negociante para «acceitar uma lettra de quatro mil cruzados, seguran-«do-se-lhe que será paga logo que se me entregue o «dinheiro, que se acha no erario, das rendas de mi-«nha casa; portanto se fôr deferida a minha supplica, «lá me tens por *todo o mez de abril* [1].

«Achei muita graça ao teu sonho, e fez-me tanta «impressão que sonhei outro na mesma noite, que te «vou contar e em que acharás talvez alguma analogia «com o que tiveste.

«Sonhei que me achava na China, aonde uma grande «provincia tinha sido invadida pelos enimigos; e achan-«do-se esta desprovida de tropas, o imperador cha-«mou em seu soccorro os tartaros seus alliados: estes «vieram promptamente, e deitaram fóra os taes inimi-

---

[1] Não foi no mez de abril, mas em 26 de maio do mesmo anno de 1815 que o tenente general Gomes Freire de Andrade entrou em Portugal, pela provincia da Beira.

«gos dos chins; e como o imperador tinha tido pouco «cuidado no seu exercito, deram-lhe um cabo escolhi-«do d'entre elles para lhe organisar e disciplinar as «suas tropas: o imperador agradou-se tanto d'este «tartáro, que, alem de muitas honras e poderes que «lhe concedeu, fê-lo mandarim, e escreveu-lhe uma «carta em que lhe disse que *illustrasse com os seus «conselhos os outros mandarins e os animasse*; e por «tanto po-lo acima d'elles, do que os mandarins não «gostaram; e, para lhes fazer perraça, lembraram-se «de mandar chamar á Persia um chim que alli mili-«tava, e que elles tinham em conta de tão grande mi-«litar como era o tal tartaro: porém este, que era «muito vivo, fiado nos seus poderes, que eram os «mesmos que algum dia se concediam aos dictadores «romanos, armou trempe ao pobre chim, prendeu-o e «po-lo em conselho de guerra; e vendo os mandarins «que o tartaro puchava pela sua auctoridade, calaram-«se todos muito bem calados, e o pobre chim foi fuzi-«lado sem que ninguem punisse por elle: e eu, acor-«dado ao estrondo dos tiros, assentei DE NUNCA [1] me «lembrar de jogar as cristas com generaes tartaros, «mas sim de pendurar, logo que chegue a Lisboa, a «minha espada na parede, para se deixar enferrujar «bem á sua vontade!... Que me dizes ao sonho?

---

[1] Gomes Freire n'esta phrase «*de nunca jogar as cristas com generaes tartaros*» revella bem que se refere aos *inglezes* e nunca seria elle que se poria á frente de um movimento que não fosse patriotico e bem orientado.

«Venha dinheiro, e brevemente terei o gosto de se-
«gurar-te que sou

«Teu verdadeiro amigo
«e primo
«GOMES

Por esta carta se aquilata bem o espirito, por vezes humorista, de Gomes Freire, a sua illustração, o seu estylo. Como ella contrasta com a do tal amigo da verdade e da Justiça que parece escripta em *Ambundo;* talvez fosse propositadamente assim redigida para se não vêr n'ella o dedo do *padre Amaro.*

Paginas 54 e 81

O *portuguez amigo da Justiça e da Verdade* que subscrevera a pubticação intitulada *Memoria sobre a conspiração de 1817, vulgarmente chamada conspiração de Gomes Freire,* era Joaquim José Salustiano Ferreira de Freitas—o celebre *Padre Amaro.*

A publicação é datada de Londres, em 1822.

MEMORIA SOBRE A CONSPIRAÇÃO. Esta obra foi encommendada e paga pelo marechal Wiliam Carr Beresford.

O auctor Joaquim Ferreira de Freitas, nasceu na

ilha da Madeira, foi frade *franciscano capucho*. Deixou a vida ecclesiastica, esteve bastante tempo fóra do reino, não se sabe onde, e entrou em Portugal ao serviço do exercito do marechal Massena em 1810 e com o marechal voltou a França transferindo-se para Inglaterra.

Em 1820 publicou em Londres um periodico intitulado *O padre Amaro, sovella politica*, por isto ficou conhecido Ferreira Freitas pelo nome de padre Amaro.

Este Joaquim Ferreira Freitas era muito instruido e folgasão, arranjava a sua vida muito rasoavelmente. Recebeu dinheiro grosso por muitas vezes do inglez Carr Beresford, do duque de Palmella, de D. Pedro IV, este senhor quando se revoltou contra seu pae el-rei D. João VI e se acclamou imperador do Brazil agraciou o *padre Amaro* com a Ordem do Cruzeiro. Porém a Joaquim Ferreira Freitas não havia dinheiro que lhe chegasse, e dizem que falleceu em Londres no anno de 1831 pobrissimo.

Conta o erudito Innocencio Francisco da Silva que no momento em que o auctor da *Memoria sobre a Conspiração de 1817* se achava ás portas da morte mandou chamar a toda a pressa o seu amigo P. Marcos, então emigrado em Londres. Apenas o vê entrar, diz o padre Amaro muito serenamente:

— Vem cá meu amigo, mandei-te chamar, porque no estado em que me acho pouco posso durar; assim, quero que me escrevas o meu testamento!...

— Homem, estás doido? disse o padre Marcos que que sabia não possuir elle cousa nenhuma, — de que

queres tu fazer testamento se não professas nem real!

Impacienta-se o moribundo e redargue-lhe:

— Oh! Marcos quem é que morre, sou eu ou és tu? deixa-me pois fazer testamento e morrer á vontade!

O padre Marcos não pôde conter-se que não soltasse uma estrepitosa gargalhada.

Joaquim Ferreira de Freitas publicou tambem na cidade de Londres de 1825 a 1830, — *A abolição da Companhia da agricultura das vinhas do Alto-Douro, egualmente util ao productor em Portugal, e ao consumidor em Inglaterra. Dada á luz pelo editor do padre Amaro;*

Coup d'œil sur l'état politique du Brésil au 12 novembre 1824;

The American Monitor;

O Cruzeiro; e

Bibliotheca historica, politica e diplomathica da nação portugueza; este livro contem documentos até o anno de 1808 inclusivê.

Nota do fim

Com licença da commissão de censura, e no anno de 1820 foi feita na *Impressão Regia* a seguinte *Canção a Gomes Freire de Andrade* de que é auctor João Francisco Delgado.

Dâmol-a á estampa como documento curioso da epocha e outrosim para que se faça idéa do prestigio que.

ainda em 1820, a memoria de Gomes Feire tinha sobre o povo portuguez.

CANÇÃO

Jazia Portugal, honra da terra,
Faminto, e agrilhoado
Em clandestina guerra!
D'impostores crueis atraiçoado!
Porque nem Leis, nem Rei, nem Patria amavão,
Como Saturno aos filhos devoravão!

Qual de Bizancio o Heróe, que por ser fido
Ao Throno, e á Patria amada,
Foi pelos máos arguido
De tramar contra o Rei fatal cilada;
Quando elle a verter sangue das feridas,
Ledo salvava ao Rei, e ao Povo as vidas;

Que sem piedade os olhos lhe arrancárão,
Sendo o Heróe innocente!
Mas, debalde o cegárão,
Que nos braços do Rei morreo contente.
Tu, Gomes, seu prototypo extremado
Morres longe do Rei, e assassinado!!!

O teu heroismo, aos fracos, por sublime
Mil sustos motivava;
Imputárão-te o crime
Que suas almas perfidas manchava!

Qual era o de traidor ao Luso Throno,
Quando pugnaste sempre em teu abono.

Satelites aos perfidos seguião
Na perfidia instalados;
Illusos não previão
Que sempre os impios forão castigados.
Justificar-te em vida não facultão,
Tu és victima infausta! elles exultão.

Chora Lysia immortal a perda horrivel
Deste Heróe Lusitano!
Oh Ceos! parece incrivel
No Mundo caso haver tão deshumano!
Porém do averno as furias são menores,
Qu'as dos homens egoistas, e traidores.

Gomes, prole de Heróes, invicto, e amavel,
Não só Lysia guerreira
Te acclama incomparavel,
Mas esta gloria obtens da Europa inteira.
Só podião traições, e aleivosias,
Despojar do teu Ser os faustos dias!

Salvaste Portugal d'uma anarquia,
Quando a Policia armada
Brandio com ousadia
Contra as hostes de Lysia a insana espada;
Collisões, despotismos qu'encontraste,
Só co'a voz, sem o ferro, sub-plantaste.

Esteio foste do aureo Luso Throno,
Porque sabio previas,
Que insano alheio dono
O lançava por terra em breves dias!
Plano em defeza á Patria deste honroso.
Qu' Welington seguio sempre ditoso.

Empregaste em virtudes a existencia,
E o teu fim lastimoso
Nasceo da prepotencia!
Mas foste até na morte Heróe famoso:
Igualaste, ou venceste entre os mavortes,
Albuquerques terriveis, e Castros fortes.

Quem pudera animar a cinza tua,
Que livre de sectarios
Com ignea espada núa
Viesses fulminar os teus contrarios,
Adoradores vis do fero egoismo,
Colossos vãos do orgulho, e despotismo.

Estão, Gomes, teus manes bem vingados;
Porque teus assassinos
Já não são Potentados,
Já mortaes se conhecem, não divinos.
Embora a raiva, e opprobrio os dilacere;
Constituição augusta em Lysia impere.

Não te offerto da Patria o triste pranto
Só a ti dedicado,

Por não roubar-te o encanto,
Que desfructas no Olympo aventurado;
Se os Numes no Orbe hum Sólio não te alçárão,
Sobre hum Throno de Estrellas te assentárão.

O' Gomes immortal, mimo de Jove,
A' Lysia mil venturas
Solícito promove;
Tenha a Constituição bases seguras
Neste novo Governo tanto amado;
Qu'assim somos felizes, tu vingado.

Canção, não mais soltemos triste pranto;
Qu'o Heróe, a quem decanto,
Será da Lusa Historia aureo ornamento,
Em qugnto o Sol brilhar no Firmamento.

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 639 781 2

EDITOR

RUA DO ARSENAL

96

PREÇO 500 Rs

1.ª edição